

LT 86

**ALGUNS ASPECTOS DA DISTRIBUIÇÃO  
TEXTUAL DOS TEMPOS VERBAIS  
NO PORTUGUÊS ESCRITO EM MOÇAMBIQUE**

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA PARA  
OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIATURA  
EM LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE  
EDUARDO MONDLANE**

**POR JORGE UANE ANTÓNIO PONDECA**

**DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**MAPUTO, MOÇAMBIQUE**



**MAPUTO,  
1991**



**ALGUNS ASPECTOS DA  
DISTRIBUIÇÃO TEXTUAL DOS TEMPOS VERBAIS  
NO PORTUGUÊS ESCRITO EM MOÇAMBIQUE**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para o grau de Licenciatura em Linguística da Universidade

Eduardo Mondlane por *Jorge Uane António Pondeca,*

Departamento de Letras Modernas, Faculdade de Letras,

Universidade Eduardo Mondlane,

Maputo, Moçambique

Maputo,

1991

81'367.625  
P796a

F. LETRAS U.E.L.	
R. E.	23458
DATA	7/15 Junho/1995
AQUIZACAO	Letras
COTA	LT-86

## SUMÁRIO

O presente trabalho tem como objectivo fundamental descrever e sistematizar alguns aspectos do português escrito em Moçambique, estudando o comportamento dos tempos verbais no texto.. Para a consecussão da nossa investigação trabalhamos com base no quadro teórico de Weinrich(1973), no qual se postula a repartição dos tempos verbais no texto em tempos narrativos e do comentário ou argumentativos. Essa repartição é estabelecida em função da atitude do falante perante o que diz, se considerar de relaxamento e de tensão respectivamente. Tivemos que incluir neste quadro teórico, aspectos não mencionados por Weinrich como seja a contribuição da modalidade, modo e aspecto verbais como categorias veiculadoras da atitude do falante perante os seus enunciados.

Para tanto, escolhemos as "cartas dos leitores" do seminário "Tempo" (publicado em Maputo) como o tipo de texto a analisar. Com o objectivo de formarmos um "corpus" homogéneo seleccionámos a nossa amostra, observando dois critérios básicos, nomeadamente o nível de escolaridade do leitor (professor primário) e a estrutura interna da própria carta (com um momento narrativo e outro do comentário ou argumentativo). Em relação à língua materna (ver pág. 12) do leitor não é possível apurá-la com exactidão nas condições como as nossas em que trabalhamos apenas com o material escrito, sem nenhuma hipótese de ter acesso ao leitor. Todavia, em todos os textos do nosso "corpus" está presente um conjunto de traços das línguas bantu. Isto permite-nos concluir que os autores das cartas se não são falantes natos de línguas moçambicanas pelo menos falam uma destas línguas voux, uma bantu. Outro aspecto é o tema das cartas que aqui é apenas um recurso que nos permite apresentar organizadamente o nosso "corpus". Eventualmente estas inexactidões podem ter influido negativamente nos resultados do trabalho. Pensamos, porém, ter sido numa proporção insignificante dado que o nosso objectivo é o estudo do texto materializado e não as suas causas.

Esta pesquisa parte de uma hipótese segundo a qual existe uma forte correlação entre a ocorrência dos tempos verbais como indicadores da atitude de relaxamento ou de tensão do falante perante os seus enunciados e os momentos narrativos e argumentativos. Para a expressão desta correlação usamos o cálculo do coeficiente de Pearson a um nível de significância 0.05 unidireccional.

Os resultados do nosso estudo confirmam a nossa hipótese de trabalho (ver pág. 10) de que os tempos verbais no texto "carta do leitor" repartem-se em função da atitude do falante perante os seus enunciados se considerar de relaxamento (narração) e de tensão (comentário ou argumentação).

## AGRADECIMENTOS

Queria expressar muito singelamente os meus profundos agradecimentos a todos quanto directa ou indirectamente contribuíram para que esta dissertação de licenciatura se tornasse realidade.

Muito particularmente queria agracer a Dr<sup>a</sup>. Inês Machungo, minha supervisora principal e o Dr<sup>o</sup>. João Carrilho, co-supervisor deste trabalho, pela orientação e preciosos conselhos que souberam me dar em todas as fases de elaboração da dissertação.

Igualmente queria apresentar os meus agradecimentos à direcção da Revista Tempo com particular destaque para o sector da Revisão pela cedência das versões originais das cartas dos leitores que constituem o "corpus" do presente trabalho.

Finalmente aos meus pais e irmão que com o seu conforto me encorajaram nos momentos mais difíceis a prosseguir os meus estudos até esta fase.

## DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

## ÍNDICE

I. Introdução.....	8
II. Metodologia de Investigação .....	11
III. Enquadramento Teórico .....	15
IV. Análise de Dados .....	38
V. Conclusão .....	70
VI. Bibliografia .....	71
VII. Anexos:	70
1. Passagens textuais narrativas.....	71
2. Passagens textuais do comentário .....	90

## ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

A Comentário/argumentação

C Carta

Fig. Figura

L1 Língua primeira

LM Língua Materna

Ia Intervalo anterior

Ie Intervalo de enunciação

Ip Intervalo posterior

N Narração

~ Negação



## I. INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos a respeito do tempo datam dos tempos dos gregos e romanos, facto que se explica pela importância da categoria linguística tempo no seio da comunicação linguística. Hoje conhecem-se várias concepções teóricas sobre o tempo. Uma delas, a mais tradicional de todas, considera que (em inglês *tense in language signals times*) o "tempo numa língua indica o tempo". Em consequência disto, o tempo presente de um verbo indica o tempo presente (isto é, a acção em processo no momento da fala como em "O carro corre), o tempo passado indica um tempo passado (como em "o João foi para casa") e o mesmo para a totalidade dos tempos que se pretendam definir.

Facilmente se demonstra que esta maneira de definir o tempo é falsa, bastando formular perguntas como as que se seguem:

1. Existirá uma relação biunívoca entre o tempo verbal e o tempo cronológico ou real?
2. Terão os tempos verbais outra função numa língua que não a da indicação das relações temporais?

Para responder à primeira questão tomemos um exemplo. No programa "Uma Data na História" da Emissão Nacional da RM é frequente ouvirmos em cada 3 de Fevereiro "Morre Eduardo Mondlane". Certamente que nenhum falante jamais pensou que enquanto o locutor da rádio produz o enunciado ou na altura em que o escutamos Eduardo Mondlane perde a vida. Sabemos que se está a referir a um acontecimento ocorrido há dezenas de anos. Este exemplo mostra claramente que de facto o tempo verbal e o cronológico ou real não mantêm entre si uma relação biunívoca.

Num enunciado como "Estava a perguntar a mim próprio se você pode dar uma vista de olhos neste meu trabalho" a forma temporal do passado "Estava a perguntar a mim próprio" significa muito mais do que uma relação temporal pode transmitir: é a codificação da atitude do falante perante o seu enunciado

e interlocutor. É uma maneira humilde e polida de fazer um pedido correspondente a "Podes dar uma vista de olhos nisto aqui!" Assim se pode concluir que esta forma exprime mais do que uma mera relação temporal.

Os linguistas preocuparam-se também com o estudo do comportamento dos tempos verbais no texto e de modo particular da sua distribuição. A prática parece demonstrar a respeito da distribuição dos tempos verbais no texto que na narração ocorrem com maior frequência os tempos verbais do passado e que no comentário ocorrem com maior frequência os tempos verbais do presente e futuro. Com efeito, a repartição dos tempos verbais em planos de enunciação do discurso e da história (Benveniste, 1976) e em tempos narrativos e do comentário (Weinrich, 1973), embora baseada na atitude do falante, é a confirmação deste princípio linguístico. Um estudo sobre o português do Brasil (Ingedore, Koch, 1982) confirmou-se a hipótese da repartição dos tempos verbais em narrativos e argumentativos ou do comentário. A autora trabalhou com o texto jornalístico brasileiro e constatou que tal como no francês e no alemão (Weinrich, 1973) os tempos verbais formavam constalações com a função de codificar a atitude do falante. O mesmo sucederá no português escrito em Moçambique? Uma dúvida que prevalece em nós e que a procura do seu esclarecimento justifica a escolha desta tema para o nosso trabalho.

Com este trabalho pretendemos, pois, estudar o comportamento dos tempos verbais no português escrito em Moçambique. Para tanto são objectivos do nosso trabalho de investigação:

- a) Constituir este trabalho uma contribuição (modesta) para o estudo e sistematização de alguns aspectos do português escrito em Moçambique.
- b) Estudar a correlação entre a utilização dos tempos verbais como indicadores da atitude de relaxamento e de tensão do falante perante os seus enunciados e os momentos narrativos e argumentativos.
- c) Extrair conclusões de carácter linguístico pertinentes para a descrição do português escrito em Moçambique, a partir dos resultados obtidos.

Para a consecução dos objectivos a que nos propomos partiremos da seguinte

hipótese de trabalho: Há uma forte correlação entre a utilização dos tempos verbais como indicadores da atitude de relaxamento e de tensão do falante perante os seus enunciados e os momentos narrativos e argumentativos. Toda a pesquisa basear-se-á no modelo teórico de Weinrich (1973), enriquecido com contribuições de estudos recentes como os de Koch Ingedore (1982), Ducrot e Todorov (1982) versão portuguesa traduzida e adaptada por Prado Coelho). O nosso "corpus" é constituído por cartas dos leitores do seminário "Tempo" editado em Maputo.

## II. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

Para uma maior homogeneidade do "corpus" a ser objecto da nossa investigação definimos à priori um conjunto de critérios a observar: primeiro na selecção do "corpus" e segundo na análise desse "corpus". Este procedimento visa essencialmente favorecer os objectivos do próprio trabalho ao mesmo tempo que vai permitir extrair deste estudo conclusões mais gerais.

A nível da selecção do "corpus" tomamos como critérios básicos o grau de escolaridade do leitor e a estrutura do texto e o facto de os textos serem da autoria de professores primários.

Com o critério grau de escolaridade pretendemos conseguir uma relativa homogeneidade no concerner ao desempenho linguístico manifesto nas cartas que constituem a nossa amostra. Por outro lado, como o português para muitos moçambicanos é uma L2 e que o seu aprendizado, em muitos casos, faz-se por via escolar, achamos ser uma medida prudente metodologicamente trabalharmos com textos de autores com mais ou menos o mesmo nível de instrução. Todavia, reiteramos que a validade deste critério é relativa porque é do nosso conhecimento que os actuais professores primários passaram por processos de formação bastante diferenciados. Podem reconhecer-se cinco grupos de professores primários de acordo com a sua formação científica e metodológica:

1. Professores primários com o curso do magistério primário.
3. Professores primários com 6ª classe mais um ano de preparação para o exercício da docência.
4. Professores primários com 6ª classe mais dois anos de formação para o exercício da docência.
5. E finalmente professores primários com 6ª classe mais três anos de formação.

O apuramento exacto do grupo a que pertence cada autor nem sempre será possível porque nós trabalhamos somente com o material escrito e nem sempre

tivemos acesso à informação relativa à formação do autor. A não determinação exacta desta variável poderá eventualmente limitar a generalidade dos resultados do presente estudo, mas pensamos que fá-lo-á numa proporção insignificante porque o propósito do nosso estudo é o estudo do desempenho linguístico/manifesto. Julgamos, pois, que o controlo efectivo desta variável seria imprescindível num estudo que visasse encontrar o porquê de um determinado desempenho linguístico. Por outro lado, quer nos parecer que nem sempre a elevada formação científica e metodológica nos nossos professores implique uma maior proficiência em português, pelo menos no escrito.

Por causa dos aspectos acima mencionados, tomaremos o grau de professor primário nos seus aspectos comuns e médios no concernente ao domínio de língua. Esses aspectos são facilmente detectáveis na "performance" no texto escrito por cada um dos autores das cartas nas suas versões originais, que consubstanciam o "corpus" em análise. Para tanto, a amostra foi seleccionada tendo em consideração o seu grau de "correção" linguística para justamente se conseguir um "corpus" homogéneo.

Para a confirmação da nossa hipótese de trabalho fixamos à priori que todo o texto do "corpus" deverá apresentar uma estrutura interna na qual existam dois momentos textuais: o momento da narração e o momento do comentário ou argumentação. Isto porque a distribuição dos tempos verbais no texto em função da atitude de relaxamento ou de tensão fazer-se-á nos dois momentos considerados.

Sendo o português uma L2 para muitos moçambicanos é de esperar que uma boa parte das cartas do nosso "corpus" sejam de autores que têm o português como uma L2. E que o seu desempenho linguístico em português contenha influência da sua L1 ou LM e que conseqüentemente se apresente como dado fundamental o apuramento exacto da sua LM e como é que ela organiza a problemática do tempo. Estas duas variáveis (LM e a sua organização do tempo) revelam-se em nossa opinião extremamente indispensáveis para um estudo cujo escopo seja justamente o desempenho manifesto e o porquê desse

desempenho. Como o nosso trabalho tem a mera pretensão de descrever o desempenho linguístico manifesto sem pretender, todavia, aduzir as suas razões, achamos poder ser dispensável o apuramento exacto da LM dos autores do nosso "corpus". Para além desta justificação teórica do nosso procedimento concorre outra de carácter prático nomeadamente a impossibilidade de acesso ao autor da carta para conhecermos a sua LM. Mas, temos consciência de que a não determinação desta variável pode limitar a generalidade das nossas conclusões; mas fa-lo-á numa proporção insignificante.

O tema das cartas do nosso "corpus" é predominantemente sobre problemas salariais dos docentes. Mas desde já asseveramos que o tema é puramente um recurso metodológico que auxiliar-nos-á na apresentação organizada do nosso "corpus". Não é, portanto, nossa intenção no presente trabalho explorarmos a influência da variável "tema" na distribuição dos temas verbais no texto.

Uma vez seleccionado o "corpus" com base nos parâmetros acima referidos, proceder-se-á ao fichamento das cartas em dois ficheiros correspondentes aos dois momentos textuais previamente considerados. As cartas vão ser enumeradas de um a vinte (1 a 20) e o número aposto em cada carta funcionará como número de identificação da respectiva carta. Esse número constará dos dois ficheiros (narrativo e comentário) acrescido de N ou A conforme se trate do ficheiro do momento narrativo ou do comentário respectivamente. O número da carta e a letra maiúscula funcionarão em cada ficha como elementos de indexação. Assim, por exemplo, para nos referirmos ao momento textual narrativo da carta um (1) usaremos a abreviatura C1N.

A organização destes ficheiros implica necessariamente a reescrita das cartas com o objectivo de destacar cada um dos momentos textuais. Em seguida faremos o levantamento estatístico dos tempos verbais que ocorrem em cada um dos momentos textuais para posteriormente construirmos tabelas de frequências de cada um dos momentos. Tomaremos em consideração o modo e aspecto verbais e a modalidade como traços com função concorrente e complementar na expressão da atitude do falante. Esperamos que a consideração de tais categorias

nos ajude a interpretar o coeficiente de correlação dos tempos verbais.

Para exprimir esta quantificação estatística de forma mais precisa e que ao mesmo tempo nos permita avançar conclusões linguísticas devidamente fundamentadas recorreremos ao cálculo estatístico do coeficiente de Pearson. Com este cálculo estatístico determinaremos a significância unidireccional dos nossos dados ao nível de 0,05 de probabilidade. Escolhemos este cálculo, ao invés do cálculo meramente percentual, porque nos proporcionará um nível de confiança relativamente superior ao do cálculo percentual. A fórmula do cálculo que vamos usar é a seguinte:

$$r_{xy} = \frac{NEXY - (EX)(EY)}{\sqrt{[NEX - (EX)^2][NEY - (EY)^2]}}$$

Finalmente efectuaremos a interpretação linguística do nível de significância da correlação entre a utilização pelo falante dos tempos verbais narrativos e do comentário em função de a sua atitude perante os seus enunciados se considerar de relaxamento (distanciamento) ou de tensão respectivamente. Assim poderemos aceitar ou rejeitar a hipótese de trabalho estabelecida previamente (ver pág. 10).

### III. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A distinção pelos latinos e gregos entre o "tempo vivido ou real" e o "tempo linguístico" é de extrema importância para o estudo da categoria Tempo". Esta distinção em certas línguas reflecte-se de maneira mais evidente através da existência nessas línguas de duas palavras diferentes para a expressão de cada um dos conceitos. No inglês, por exemplo, temos para o "tempo vivido" a palavra "time" e para o "tempo linguístico" a palavra "tense". O mesmo acontece em alemão onde encontramos o termo "Zeit" para designar o "tempo vivido" por um lado e por outro o termo "Tempus" para se referir ao "tempo linguístico".

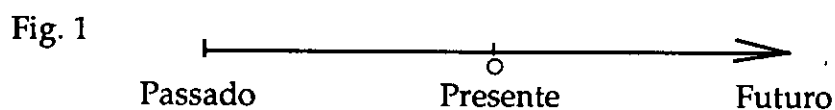
Muitos estudos linguísticos, sobretudo os mais hodiernos, têm demonstrado que esta distinção terminológica que encontramos em línguas como o inglês e o alemão é teórica e funcionalmente válida não só para estas duas línguas como também para qualquer língua natural. Trata-se, pois, de um universal linguístico. Entretanto os mesmos estudos consideram que a relação entre o "tempo linguístico" e o "tempo vivido" não é uma relação simples e directa. Para discussão deste aspecto, assumiremos a "Time-line" apresentada por Comrie (1985) como a melhor representação diagramática do "tempo vivido ou real". Comrie (1985) refuta representações circulares consideradas por certos investigadores como típicas de línguas minoritárias ameríndias. Esses investigadores defendem que a conceitualização do "tempo vivido" varia de cultura para cultura e que a "Time-line" em certas culturas não representa o tempo das línguas envolvidas nessas culturas. Ainda outros críticos da "Time-line" afirmam que existem culturas sem o conceito de Tempo e justificam a sua posição dizendo que as línguas envolvidas nessas culturas não possuem mecanismos gramaticais de localização temporal. Daqui concluem que tais línguas não têm "tempo linguístico". Comrie (1985) acha que as razões evocadas para negar a universalidade da "Time-line" são irrelevantes. Obviamente que



do facto de uma língua não exibir mecanismos gramaticais de localização temporal não segue imediatamente que essa língua não possua o conceito de "tempo". Um raciocínio desta natureza é falacioso. Tal como o é o de considerar que culturas que controlam o seu tempo social na base de astros (como é o caso do Sol) cujo movimento aparente é circular tenham representações circulares de tempo. Primeiro porque essa circularidade é aparente e segundo porque toda a abstracção científica deve ser uma síntese correspondente aos fenómenos tal como eles são na verdade.

A "Time-line" para Comrie (1985) é uma representação convencional do fenómeno "tempo" em qualquer língua natural. Ao mesmo tempo, ela permite-nos representar em forma de diagrama frases ou enunciados linguísticos de todas as línguas naturais.

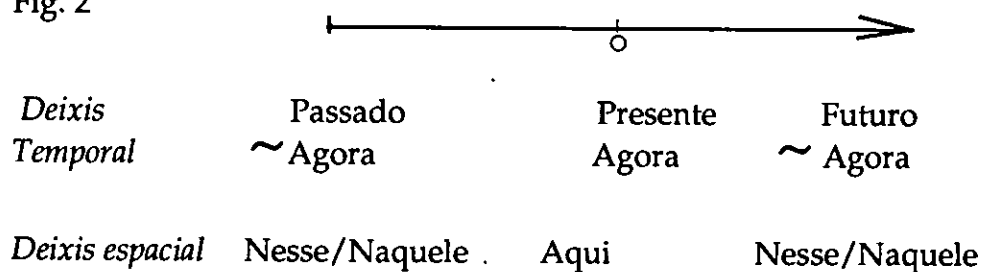
Nesta linha Comrie (1985) define, antes de tudo, um ponto de referência teórico "O" e, convencionalmente, o que está à esquerda deste ponto é passado e à direita é o futuro. O momento presente será representado pelo ponto "O" inscrito na linha. Assim afirmar que um evento ou acontecimento se deu no passado ou no futuro é o mesmo que dizer que esse acontecimento se localiza à esquerda ou à direita do ponto de referência "O" respectivamente. E um acontecimento que ocorreu durante um outro processo é localizado diagramaticamente dentro de um momento que ao mesmo tempo é o momento ou tempo do segundo processo. Como o processo ocorre num espaço de tempo mais ou menos prolongado será representado na linha por uma certa secção da linha. Estas relações de tempo seriam representadas do seguinte modo:



Muito mais importante é o facto de que na "Time-line" se pode fazer uma representação que também dá conta do "tempo linguístico" de qualquer língua humana natural. Importa não perder de vista a ideia de que a localização de

qualquer evento é já de per si uma componente da deixis. Comrie (1985) falando da relação entre o "tempo linguístico" e a deixis afirma que o tempo linguístico tem como ponto de referência o momento presente. Uma das marcas bem evidentes é o facto de correlativamente ao momento presente estarem associados o "aqui" e o "agora", expressões indicadoras da situação da fala e que são tomados como o centro deítico. Falar do "aqui" e do "agora" não é nada mais que falar da deixis espacial e temporal respectivamente.

Fig. 2



Uma diferença crucial segundo Comrie (1985) se manifesta no que concerne ao sistema deítico porque a nível da deixis temporal com a interposição do "agora" - momento presente" estabelece-se uma descontinuidade da área do "agora". O mesmo já não se pode afirmar em relação a deixis espacial que com o "nesse/naquele" (there), obtido por oposição a "aqui" (ponto de referência) é uma área, pelo menos em termos nocionais, contínua. Todavia, há que referirmos que o momento presente, tal como o concebe Comrie (1985), pode conduzir-nos falsamente à conclusão de que este conceito se circunscreve exacta e exclusivamente ao momento pontual em que o falante produz o seu enunciado ou em que se dá o acontecimento. Para evitar este equívoco afigura-se-nos aconselhável entendê-lo na acepção do presente de enunciação, tal como o vê Oscar Lopes (1988). Este autor afirma que o importante não é o intervalo de tempo que dura a enunciação dum frase em relação a um relógio-calendário oficial ou ao relógio astronómico de Greenwich. Para ele, o importante é que uma frase enunciada - numa memória a curto prazo de comunicação - esteja em

contexto efectivo e apropriado e seja uma informação apresentada (ou reactivada) cujo efeito seja a transformação de um estado informacional e disposicional anterior, que não tinha (ou pelo menos não reactivara) tal informação:

“Trata-se de presente de enunciação no sentido de que presentifica um dado, ou conjunto de dados, que na interpretação do destinatário (ou destinatários) pode vir a funcionar de maneira diferente daquela que está prevista pelo enunciador, o que é capaz de motivar um reacerto dialogal.” (p. 5).

Uma vez assim definido o presente de enunciação torna-se mais fácil enquadrar noções como:

a) O presente genérico:

1. As aves são ovíparas (=foram, são e serão)

b) O presente habitual:

2. Aos sábados vou à matiné (= aos sábados vou sempre à noite)

c) O presente histórico:

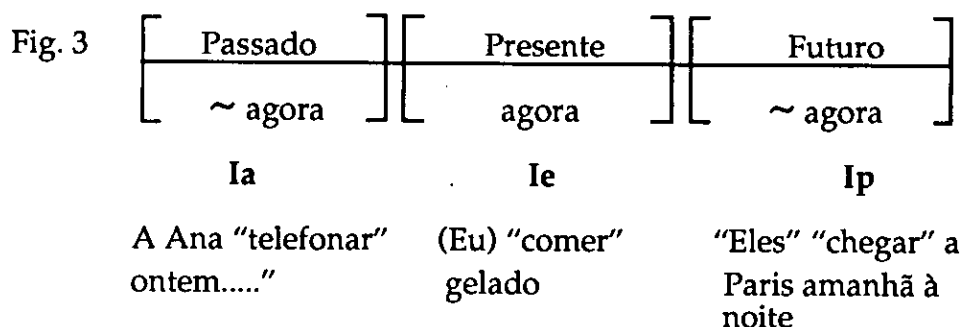
3. A 3 de Fevereiro de 1969 morre Eduardo Mondlane (= morreu).

O presente da enunciação no entanto apresenta-se em certos contextos situacionais como coincidente com o ponto teórico “O” da “Time-line”. Nesses contextos Oscar Lopes (1988) considera que enunciados cujo estado de coisas é objectivamente contemporâneo com o “agora” constituem o presente. Considerar-se-á, por outro lado, situados no passado ou futuro os estados de coisas descritos por enunciados cuja contemporaneidade com o “agora” é conforme os casos, objectivamente localizado à esquerda ou à direita do “agora”. É desta relação que Comrie (1985) tira a conclusão de que os tempos verbais se subdividem em básicos e secundários. Os básicos são os coincidentes com a escala “agora”. Os secundários dizem respeito aos usados com o sentido modalizador como a utilização do imperfeito para a polidez. Tomemos as

seguintes frases (1) para a ilustração:

4. P: O que é que estás a fazer?
5. R: Como um gelado.
6. A Ana telefonou ontem para o João.
7. Eles chegarão a Paris amanhã à noite.

O estado de coisas descrito em cada uma das frases pode ser representado por um diagrama semelhante ao da Fig. 3. Os intervalos (Ie, Ia; Ip) considerados na figura são referentes à localização temporal dos estados de coisas enunciados nas frases.



As três dimensões possíveis de temporalização do enunciado linguístico - presente, passado, futuro - podem materializar-se, pelo menos na maior parte das línguas naturais, por meio de três formas (Comrie, 1985) nomeadamente:

- 1) Expressões lexicais compostas, potencialmente infinitas sobretudo nas línguas cujas escalas de medição de tempo são desenvolvidas. Por exemplo, as escalas de medição que incluem o décimo do segundo, minuto, hora, dia, etc.
- 2) Expressões lexicais não compostas como os advérbios de tempo "agora", "hoje", "ontem", "amanhã", etc.
- 3) Categorias gramaticais que integram os tempos linguísticos presente, passado, e futuro. A gramaticalização manifestar-se-á de modo mais evidente na morfologia verbal. Nas seguintes formas finitas do verbo "cantar" tem-se acesso à localização temporal do estado de coisas expresso pelos diferentes enunciados

(1) Estas frases foram extraídas da "Gramática da Língua Portuguesa de Mira Mateus et alii, 1983"

através do morfema relativo ao tempo:

Presente: cantas

Passado:

\_ imperfeito: cantavas

\_ perfeito. cantaste

Futuro: cantarás

No nosso trabalho, tal como o dissemos na introdução, exploraremos a gramaticalização do tempo no verbo e trataremos de verificar em que medida a relação entre o tempo vivido" e o "tempo linguístico" e em particular o verbal não é simples e directa. No entanto, da abordagem da questão até aqui feita fica clara a relação directa entre as duas dimensões do tempo reconhecidas (vivido e linguístico). Para além disso está claro que os tempos secundários (ver p. 11) não confirmam parcialmente esta constatação na medida em que nalguns dos seus usos assumem no caso do presente os valores de genérico, habitual e histórico e no caso do passado sobretudo o imperfeito o valor de delicadeza ou polimento/distanciamento.

A respeito desta relação em Ducrot e Todorov (1982) afirma-se que "... o tempo do verbo não serve somente para designar a temporalidade mas significa também uma relação particular entre aquele que fala e aquilo de que fala." (p. 373). Em nosso entender, a presente reivindicação não é mais do que a valorização da informação relativa à modalidade, ao modo e aspecto como propriedade da forma verbal (1). As formas verbais do verbo "cantar" não só apresentam a localização da acção no presente, passado ou futuro, indicam também a atitude do falante perante aquilo que ele diz.

Sendo assim passamos a descrever cada um dos conceitos implicados por esta reivindicação.

---

(1) Vet, CO. Temps, aspects et adverbs de temps en français contemporain (Genève: Librairie Droz, 1980),

As modalidades são categorias gramaticais que estão quase sempre ligadas aos modos verbais a aos verbos modais e servem para exprimir a atitude do falante quer em relação ao conteúdo proposicional ou valor de verdade do seu enunciado quer em relação ao ouvinte a quem é dirigido o enunciado. Todo o enunciado linguístico é portador de um certo grau de modalização que é no fundo uma modificação que falante introduz na predicação. Esta modificação na predicação é o resultado das condições impostas à sua realização e a relação entre os elementos envolvidos na produção do enunciado. Fazem parte dos elementos envolvidos na produção do enunciado o locutor (ou falante), o alocutário (ouvinte), o espaço, o tempo, o discurso anterior e o universo de referência. E as relações entre esses elementos, embora não arbitrarias, nem sempre são do mesmo tipo. A diversidade do tipo de relações entre estes elementos reflecte-se obviamente de modo diferente no enunciado. Mira Mateus apresenta, pautando a classificação de Parret (1976), quatro tipos de modalidades (1).

O primeiro tipo de modalidades que Mira Mateus et ali considera são as modalidades lexicalizadas cuja expressão é assegurada por verbos modais e advérbios. O sentido necessário/obrigatório e de dúvida, por exemplo, nos enunciados que a autora usa pra ilustração provêm, para além do tempo presente, do léxico "ter que" e "talvez".

8. Tenho que sair logo à noite.

9. Talvez saia logo à noite.

Somos, desde já, tentados a advertir no tocante às modalidades em discussão que não trataremos com profundidade o advérbio porque o objectivo do nosso trabalho não é o estudo do advérbio, mas do tempo verbal.

Em segundo lugar, apresenta-nos as modalidades proposicionais e, tal como o nome o diz, envolvem a enunciação de proposições e "...determinam o valor

---

(1) A sequência da apresentação não se prende a qualquer critério lógico ou de importância.

de verdade das proposições delas dependentes como necessário, contingente, possível ou impossível "(1). Nos enunciados abaixo o falante não só assera a proposição como a assume como certa (10), duvidosa (11) ou possível (12).

10. Tenho a certeza que a Ana aparece.

11. Não tenho a certeza que a Ana apareça.

12. É possível que a Ana apareça.

As modalidades ilocutórias são o terceiro tipo que Mira Mateus (1983) apresenta e define-as como expressão de "tipos e níveis de classificação e convenção das intenções do locutor, regulando a forma e o conteúdo semântico de cada acto ilocutório" (2). Nos seguintes enunciados

13. Considero que deves abrir a porta.

14. Abre a porta!

15. Peço desculpa por teres de abrir a porta.

encontra-se subjacente uma única e mesma intenção do locutor ou falante "o pedido", o que os torna diferentes é a forma da apresentação desse conteúdo proposicional em cada um dos três actos ilocutórios.

Finalmente o quarto tipo de modalidades são as modalidades axiológicas ou pragmáticas cuja função é a de regular a própria interação através da selecção de enunciados de acordo com os contextos de acção. Na realização deste tipo de modalidade o falante preocupa-se não só com o estado de coisas do seu enunciado (obrigatório, contingente, necessário, etc) mas sobretudo com o como apresentar isso de maneira consentânea ao contexto situacional e mesmo

---

(1) Mateus, M. H. Mira et ali, Gramática da Língua Portuguesa, (Lisboa: livraria Almedina, 1983), p. 143

(2) Austin, J. L. (1967) baptizou de actos ilocutórios os actos de fala completos nos quais se executam os actos: afirmar, perguntar, ordenar, prometer, pedir, criticar, saudar, aprovar, exigir, alegar, advertir, asseverar, censurar, pedir, desculpas (desculpar-se, objectar, etc.

Searle, J.R. (1981) aborda também a problemática dos actos de fala na mesma perspectiva que Austin, J. L. (1967)

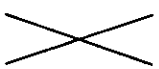
linguístico. Nos enunciados adiante apresentados nota-se que (16) é uma ordem realizável num contexto em que efectivamente o falante apresenta a ordem como um acto directivo directo. O mesmo já não acontece em (17), embora se mantenha o mesmo conteúdo proposicional, porquanto o falante revela com o acto directivo indirecto polidez ou mesmo uma autoridade deficiente (Lausberg, s.d.) perante o seu interlocutor.

16 Abre a porta imediatamente.

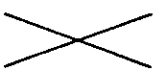
17. Importas-te de abrir a porta.

Por outro lado, as modalidades podem ser encaradas do ponto de vista lógico relacionando-as com o nível de conhecimento que o locutor tem dos estados de coisas dos enunciados. A lógica tradicional reconhece três tipos de modalidades:

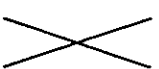
- . **Modalidades aléticas ou aristotélicas** - que operam a nível dos estados de coisas.

necessário		impossível
possível		contingente

. **Modalidades epistémicas**

certo		excluído
plausível		contestável

. **Modalidades deônticas**

obrigatório		interdito
permitido		facultativo

É de salientar que a relação entre os estados de coisas objecto de enunciação pode apresentar-se como necessária, contingente, possível ou impossível. Relacionando estas modalidades com o nível do conhecimento que o locutor tem dos estados de coisas enunciados, podemos constatar que uma relação necessária pode ser tomada como certa (modalidade epistémica) e ainda como



obrigatória (modalidade deôntica). Esse entrecruzamento pode ser ilustrado com os seguintes enunciados de Mira Mateus

. Modalidade alética:

18. Fumar é mau para a saúde. (necessário)

. Modalidade epistémica:

19. Se continuas a fumar ficas doente. (certo)

. Modalidade deôntica:

20. É proibido fumar. (obrigatório)

Mira Mateus observa que uma relação contingente pode ser tomada como contestável (modalidade epistémica) ou facultativa (modalidade deôntica) e apresenta como exemplos os seguintes enunciados:

. Modalidade alética:

21. O homem pode ou não trabalhar. (contingente)

. Modalidade epistémica:

22. O homem nem sempre trabalha. (contestável)

. Modalidade deôntica:

23. O homem é livre de não trabalhar. (facultativo)

Em último lugar, convém referir que uma relação possível pode ser julgada como plausível (modalidade epistémica) ou permitida (modalidade deôntica), tal como ocorre nos seguintes enunciados ilustrativos:

. Modalidade alética:

24. Um homem é capaz de chorar. (plausível)

. Modalidade epistémica:

25. Se continuas a arrelhar o teu irmão, ele ainda chora. (plausível)

. Modalidade deôntica:

26. Não é vergonha chorar. (permitido)

Para além desta classificação de modalidades Mira Mateus apresenta-nos outra classificação de modalidades em modalidades de rec e modalidades de dicto. Todavia não a trataremos com detalhe porque tornarmo-nos-ia redundantes e talvez expansivos sem que em contrapartida trouxessemos novos

elementos para a discussão da nossa tese.

Mira Mateus termina o tratamento da modalidade afirmando que "É importante (...) considerar a forma como o sujeito, enquanto locutor, se "diz" no enunciado, ou aquilo que o enunciado "diz" do locutor enquanto sujeito..." (p. 148). Por outro lado, valorizando a ideia de que qualquer enunciado possui um grau de modalização, ela considera que mesmo nos casos em que aparentemente o enunciado não diz nada do falante, este considera os seus enunciados impregnados de modalidades necessárias, contingentes ou impossíveis. O modo indicativo é por excelência o caso exemplar. E para uma discussão mais profunda deste caso trataremos de algumas questões relacionadas com o modo verbal.

Por definição considera-se que o modo verbal é a atitude do falante perante o estado de coisas expresso no enunciado, reflectida ou veiculada pela forma verbal da predicação. É assim que Richards, J. et al (1985) o define ao afirmar que " a set of contrasts which are often shown by the form of the verb and which express the speaker`s or writer`s attitude to what is said or written (p. 182). Também Mira Mateus (1983) apresenta-nos uma definição de modo verbal como "... a atitude do locutor em relação ao estado de coisas expresso pelo enunciado, explicitada em português pelo modo do verbo. O verbo tem assim a capacidade de exprimir através dos modos a relação modal entre o locutor e o estado de coisas (p. 148).

Assim as formas verbais nos diferentes modos (indicativo, imperativo, conjuntivo, condicional) (1) são mecanismos de expressão de uma relação particular entre o falante e o que ele diz.

Tradicionalmente, o modo indicativo é o modo menos marcado ou simplesmente não marcado quanto à atitude do locutor ou falante perante os seus

---

(1) Num estudo sobre utilização do presente e imperfeito do conjuntivo (Lindqvist, 1979) no francês moderno verificou-se que ambas formas ocorriam em estruturas de subordinação.

enunciados. Prende-se, muitas vezes, ao reconhecimento pelo falante ou locutor de que o estado de coisas descrito no enunciado é necessário ou tem um grau elevado de probabilidade. Contudo, formas verbais no indicativo funcionam em alguns contextos como expressão de actos ilocutórios directivos. Isto sucede com acentuada frequência com enunciados no presente do indicativo, desde que a relação falante-ouvinte possa ser interpretada pelo primeiro como uma realização necessária, obrigatória. Por exemplo, em enunciados como:

27. Vais dizer-me por quanto é que compraste esta caneta.

28. Agora dás um beijo à mãe e vais para a cama.

Quanto ao modo conjuntivo encarado como mecanismo mais ao serviço das estruturas de subordinação (1) é considerado o modo verbal da possibilidade, dúvida, incerteza, contingência, eventualidade e desejo. Este modo também é usado em enunciados directivos directos como substituto do modo imperativo.

29. Telefone-me logo que chegar a Maputo.

30. Eu não tenho a certeza que sejas bom de cabeça.

31. Duvido que sejas bom da cabeça.

32. Eu acredito que ele venha ter connosco.

33. Desejo que faças a viagem.

34. È necessário que venhas.

O modo imperativo é por excelência o modo tradicional da ordem e do pedido. Hodiernamente usam-se também os modos conjuntivo e indicativo no presente para a expressão da ordem em português. Aqui se inter cruzam o modo e o tempo verbal. O imperativo por sua natureza exprime uma acção futura ou melhor de realização futura necessária ou obrigatória. E o presente do indicativo

---

(1) Não mencionamos o modo infinitivo, participial e gerundivo por se tratarem de modos secundários que recebem a significação modal das formas finitas.

O infinitivo pode ser usado também para exprimir a ordem em enunciados como "Limpar a sala logo de manhã, porque às 10 horas chega a visita."

pode ser usado para se referir a uma acção que o locutor encara como necessária ou iminente. Em relação ao presente do conjuntivo há que referir que tanto a informação modal (desejo) como a temporal (o porvir) se cruzam e estabelecem uma relação com algumas das características de ordem, nomeadamente o carácter menos real e a necessidade.

35. Apanha todos os papéis do chão!

36. Apanhai todos os papéis do chão!

37. Abra a porta!

38. Abre a porta!

39. Vais arrumar o teu quarto!

O recurso ao modo conjuntivo e indicativo em certos contextos é motivado pela ausência no paradigma do imperativo de certas pessoas gramaticais. Por exemplo, a ausência da primeira pessoa do plural "nós" torna impossível, servindo-se somente do imperativo, para exprimir uma ordem que inclua o sujeito falante. Mas já no presente do indicativo é possível dizer-se "Vamos trabalhar para sairmos cedo." Como enunciado directivo inclusivo. Por outro lado a utilização do imperativo nos dias de hoje é próprio de um registo cuidado e arcaico; encontramos-lo com alta frequência em textos bíblicos e de cerimónias religiosas. O modo infinitivo é empregue especialmente no português de Moçambique como expressão da ordem em enunciados como:

40. Varrer a casa e depois ir ao bazar comprar peixe!

O modo condicional segundo Mira Mateus et alii (1983) é o modo da expressão dos mundos alternativos do mundo real, também usado para marcar o afastamento entre o falante e os seus próprios enunciados (quando os não quer assumir). Em enunciados directivos com polimento utiliza-se também o modo condicional.

41. Se eu fosse pássaro, voaria.

42. Se o Sol girasse à volta da Terra, não haveria sistema solar.

43. Não consigo deixar de beber. Seria preciso ficar doente.

44. Morreria se não viesse à superfície do mar para respirar.

Nos enunciados (41) e (42) o condicional é usado como mecanismo de passagem do mundo real para o mundo alternativo irreal onde se afirma uma certeza. No entanto tal certeza ou certezas são contra-factuais. Mas nos enunciados (43) e (44) está expressa no mundo alternativo a modalidade de certeza não factual. Nos enunciados (45) e (46) a função do modo condicional é de assinalar o distanciamento e polidez discursiva do falante respectivamente:

45. Eu consideraria que esse colega exagerou.

46. Gostaria que me levasse até a baixa da cidade.

Embora tradicionalmente as frases do tipo interrogativo não recebam o tratamento modal, elas distinguem-se por exemplo, das declarativas pelo seu modo (Lyons, 1979). A utilização nas interrogativas do modo indicativo com várias partículas interrogativas ou pronomes, associada a mudança da ordem das palavras e à entoação conferem, segundo Lyons (1979), um estatuto especial a este tipo de frase.



“De um ponto de vista mais geral, as interrogativas são claramente modais e podem ser caracterizadas por modalidades suplementares que indicam o que o falante espera”. (Lyons, 1979:323)

Ao longo da análise de dados (cap. IV) frases do tipo interrogativo serão tomadas nalguns casos como indicadores de uma relação específica entre o falante e o que diz. Até porque este tipo de frase no “corpus” que vai ser objecto da nossa análise ocorre com maior frequência nos momentos textuais argumentativos. Em parte este tipo de frase é revelador do que Weinrich (1973) julga ser um significante de um significado específico. Isto é, com a frase interrogativa o falante ou locutor manifesta uma relação específica com o que diz. Nesta relação específica daremos ênfase à contribuição proveniente da forma verbal.

A relação entre o modo verbal e o tempo verbal pode apresentar-se imbricada de várias maneiras. Segundo Lyons (1979) na língua inglesa o sentido “obrigatório” e o “inferencial” ligados ao verbo modal “must” é neutralizado

numa frase num tempo não-passado. Lyons (1979) apresenta como exemplo a frase:

47. He must come regulary/ Ele deve vir regularmente.

Esta frase pode ser interpretada, segundo este autor, de duas maneiras:

48. Ele tem de vir regularmente.

49. Eu suponho que venha regularmente.

Por outro lado constata que a mesma frase no passado não levanta os problemas que se levantam no presente. O passado:

50. He had come regulary/ Ele deve ter vindo regularmente.

Lyons (1979) conclui afirmando que a neutralização do "obrigatório" e do "inferencial" não é somente da responsabilidade da categoria tempo verbal. Mas antes do problema espectral própria frase introduzido pelo advérbio "regulary" e de um conjunto de pressuposições (1) que presidem à selecção do modal "must". Entretanto reconhece que tais pressuposições não se subordinam ao tempo, embora acabem por induzir o ouvinte a inferir acertadamente da frase no passado:

53. He ought to have gone/ Ele devia ter ido.

que a referida pessoa não foi realmente. Por outro lado, da frase:

53. He had to go.

O ouvinte infere também acertadamente que a pessoa foi realmente.

A categoria linguística de aspecto, particularmente quando está presente na morfologia do tempo do verbo constitui, em nossa opinião, parte da reivindi-

---

(1) "must" faz parte dos modais "ought" e "have to" cujas diferenças semânticas ajudam o ouvinte na construção das suas inferências. Os exemplos seguintes ilustram essas diferenças:

I ought to go to New York tomorrow, but I'm not going to.

He ought to have gone to New York yesterday, but he didn't.

I must go to New York tomorrow, but I'm not going to.

He had to go to New York yesterday, but I'm not going to.

cação de que o tempo do verbo para além da temporalidade veicula uma relação particular ente o falante e o que diz.

Ducrot e Todorov (1982) consideram o aspecto como comportando dois níveis distintos: objectivo e subjectivo. Segundo estes autores está-se em presença de um aspecto objectivo sempre que na representação de uma dada acção se introduzir uma modificação por causa do tipo de desenvolvimento inerente dessa acção; o que os gramáticos alemães chamam de "Aktionsart", modo de acção. Duchácêk, citado por VET, Co (1980), fala em "caractéré de l'áction" e define-a como a maneira como se desenrola uma acção e a expressão das suas fases. Quanto ao modo uma acção pode ser classificada como de desenvolvimento uniforme ou intermitente (voar-escvoaçar), de acção incoativa (começar, iniciar), etc. Por outro lado, afirmam que um aspecto subjectivo é aquele que postula a oposição perfectiva/imperfectiva. As formas perfectivas indicam a acção ou qualidade como estando num certo ponto do período objecto de enunciação. Ao contrário, as imperfectivas apresentam a acção como desenvolvendo-se num certo período preenchendo-o. Nas frases que abaixo se seguem notaremos que o "estar doente" na última é co-extensiva a todo o ano, preenchendo-o.

54. No ano passado eu estive doente.

55. No ano passado eu estava doente.

È justamente por esta razão que se chama ao pretérito imperfeito uma forma não só temporal como também aspectual por descrever a acção de forma imperfectiva.

Uma outra oposição a considerar na categoria de aspecto é a oposição aspecto acabado e aspecto inacabado ou incompleto. No grego antigo o aspecto acabado era expresso por formas verbais denominadas perfeitas enquanto o aspecto inacabado ou incompleto por formas que indicavam que a acção objecto de enunciação está em curso no momento da sua enunciação. Todavia no português esta oposição aspectual tende a fundir-se com oposição perfectiva e imperfectiva e em muitos contextos se tratá-las-emos apresentam tais oposições

como sinónimas. Nós tratá-las-emos como sinónimas e utilizaremos o par binário opositivo espectral acabado/inacabado. No entanto, esta opção terminológica não passa de uma mera preferência nossa e pessoal, estando, por isso, isenta de uma motivação teórica.

Ao longo da análise a que nos propomos realizar tomaremos em consideração toda a contribuição da categoria aspecto na forma verbal que sustenta que no tempo verbal o falante manifesta uma relação particular entre si e o que diz.

Uma vez discutidas as categorias abrangidas pela nossa reivindicação pensamos que é chegado o momento de falar-se da distribuição textual dos tempos verbais no texto. Essa distribuição obedece regra geral a maneira como o falante encara o que diz. Tem, por conseguinte, essa distribuição dos tempos verbais no texto a ver com a tensão ou relaxamento do falante em relação aos estados de coisas enunciados. A questão ora em discussão tem vindo a ser objecto de estudo por parte de linguístas.

Para Ducrot e Todorov (1982) existem duas séries de tempos verbais nomeadamente:

- a) "ele canta", "ele cantava", "ele cantou", "ele cantará," etc.
- b) "ele cantava", "ele cantara", "ele cantaria", etc.

Segundo estes autores, a datação em relação às formas (a) obtem-se por referência ao intervalo de enunciação. Portanto em relação ao presente são fornecidas indicações cronológicas mais exactas com o apoio das expressões deícticas como "ontem" "no ano passado." Assim argumentam que a acção descrita estabelece contacto com o momento presente da enunciação e consequentemente com o falante e o ouvinte.

Os mesmos autores consideram que em relação aos acontecimentos das formas (b) estes situam-se uns em relação aos outros e, numa cronologia objectiva as acções estão separadas do presente não por uma distância temporal (dias, anos, etc.) mas por uma intenção codificada do falante.

Para dar conta desta diferença existente entre os tempos verbais das duas séries, Ducrot e Todorov propõem que sejam agrupados de acordo com as suas



afinidades. Determinados tempos são somente usados no primeiro grupo (o presente e o futuro) enquanto outros são exclusivamente empregues no segundo. O facto de nos dois modos de relação de enunciação existirem valores muito diferentes é apontado por estes autores como sendo de extrema importância para a sua separação. Assim, consideram que o imperfeito no primeiro caso opõe-se ao presente e futuro: marca o passado ao mesmo tempo que é um elemento de datação. Mas, não acontece o mesmo no segundo caso porquanto o presente e o futuro são ignorados e o imperfeito se posiciona em relação a um passado (pretérito-mais-que-perfeito). Ducrot e Todorov concluem afirmando que o facto de um verbo estar gramaticalmente num passado não é portador de informação temporal e, por isso, não constitui um esboço de datação:

56. Estava a perguntar a mim próprio se você pode dar uma vista de olhos neste meu trabalho.

De entre várias propostas de descrição e interpretação desta repartição dos tempos verbais referir-nos-emos como mais detalhe e em último lugar às apresentadas por Harald Weinrich (1973) e Emile Benveniste (1976).

O psicólogo alemão K. Bühler (1934) no seu livro "Sprachtheorie" apresenta uma proposta de divisão dos tempos verbais cuja base é o relacionamento dos tempos verbais com sistema deíctico "eu-aqui-agora".

E. Bull (1960) em "Time, Tense and Verb" distingue tempos verbais primários, como os que se referem ao momento presente, dos tempos verbais retrospectivos cujo ponto de referência se situa no passado.

Klaus Heger com base na divisão de K. Bühler (1934) propõe como categorias fundamentais para a divisão dos tempos verbais a relação entre "agora-diferente de agora".

Weinrich (1973) divide os tempos verbais em tempos verbais do comentário e em tempos verbais da narração, em função de a acção descrita ser tomada ou não pelo falante como o afectando directamente ou não respectivamente.

Ele estuda a distribuição dos tempos verbais do francês e do alemão (1) em diferentes gêneros de textos (2). Deste estudo constata que as formas temporais exibem uma regularidade no seu comportamento textual.

"La succession des temps dans un texte obéit manifestement à un certain principe d'ordre. Nombreuses sont ces constellations temporelles, véritables magies où se condensent en un voisinage immédiat les formes d'un même temps"

Usando a quantificação estatística constatou que em texto como o discurso filosófico ou político, mais de 90% das formas verbais que aí ocorrem são formas no presente, "passé composé" e futuro. O mesmo, segundo Weinrich não acontece em textos ou passagens textuais tipicamente narrativas. Nestes verificou que ocorrem com elevada frequência formas verbais do "passé simple", do imperfeito e mais-que-perfeito e condicional. Verificou, por outro lado, que essa distribuição não tinha a função meramente de indicar o tempo, mas, antes de exprimir uma relação particular entre os sujeitos envolvidos na interação e os seus enunciados. É de referir que Weinrich encara as formas verbais como expressão da relação entre os sujeitos em interação, acrescentando, assim, um novo elemento a reivindicação de Ducrot e Todorov (ver p. 13).

Assim, Weinrich conclui que as formas verbais com os morfemas gramaticais de tempo como as das formas verbais (a) (ver p. 24 e 25) e formando uma constelação no texto constituem o mundo do comentário. O estado de coisas que

---

(1) Os tempos verbais estudados por Weinrich são: presente, "passé composé", futuro, "passé simple", pretérito imperfeito, mais-que-perfeito e condicional.

(2) Entre os gêneros de textos analisados figura o diálogo dramático, memorando político, editorial, testamento, comunicação científica, ensaio filosófico, comentário jurídico, e todas as formas do discurso ritual codificado ou performativo; conto, romance, poesia.

neste mundo está sendo objecto de enunciação afecta directamente o falante. E, por oposição às formas verbais do comentário, segundo Weinrich, estão as formas verbais (b) (ver p. 25). Estas quando formam uma constelação textual instauram o mundo da narração também conhecido por mundo narrado. Por isso, estas formas são no quadro teórico de Weinrich formas da narração ou narrativas (1).

Para Weinrich a repetição de cada uma das séries na cadeia sintagmática de um texto é um significante de um significado específico "Elles transmettent du locuteur à l'auditeur un signal bien spécifique: Ceci est un commentaire", ou au contraire "Ceci est un récit". "Este significado é tido no quadro teórico do autor não somente como manifestação da atitude do falante mas também como indicador da perspectiva da locução. E em cada uma das constelações ou mundos (narrativo ou do comentário) há um tempo ou conjunto de tempos verbais que é tomado, quanto à perspectiva de locução, como de grau zero. Por grau zero entende-se o ponto de partida. Assim Weinrich considera o pretérito perfeito simples e o imperfeito como tempos zero, quanto à perspectiva de locução no mundo narrativo ou da narração. E no mundo do comentário o presente é que é o tempo de grau zero.

A ocorrência de um tempo verbal estranho numa cadeia sintagmática determinada (por exemplo, aparecimento de um presente numa sequência narrativa) constitui uma transição com a função de reforçar a textualidade. Silva-Corvalan (s.d.:778) ao analisar o tempo verbal e o aspecto na narrativa oral espanhola, considerou que a ocorrência do presente histórico é uma evidência de que "Historical Present functions as an internal evaluation device" e acrescenta

---

(1) O trabalho de Rod Ellis (1987), embora tenha como escopo o estudo da variabilidade interlingue de aprendentes do inglês como L2, na utilização com dos tempos verbais do passado indica-nos que a

como uma das suas conclusões:

"Thus we may conclude that the HP (historical present) does not, in itself, have a rhetorical function. Rather, the context of the narrative in which it is embedded, and its interaction with linguistic factors, draw out forcefully that aspect of the present form which includes the moment of speaking, presenting the events as if they were occurring before us. Of the total set of forms in the tense system of Spanish, only the present tense can achieve this effect" (p.778)

Por isso a ocorrência de um tempo estranho à sequência sintagmática, em nossa opinião, continua a ter a função de significante de um significado específico. Weinrich atribui o nome de *métaphora temporal* a esta transição temporal porque, segundo argumenta, a ocorrência de um tempo verbal estranho não é mais do que a apresentação dum signo por intermédio de um outro signo. Por exemplo, a ocorrência de um tempo presente numa narrativa pode funcionar textualmente indicador de dramaticidade do acontecimento que está a ser descrito. Em relação a utilização de tempos como pretérito imperfeito ou condicional numa constelação temporal do comentário pode ter a função retórica de reduzir ou restringir a validade ou alcance do conteúdo proposicional assertado no enunciado.

Weinrich, tal como Silva-Corvalan, reconhece que estas formas verbais (quer formando uma constelação quer ocorrendo como intrusos) são acompanhadas por outras unidades linguísticas que participam em certo grau da determinação do seu significado específico.

Benveniste (1976) ao estudar o verbo francês constatou que os paradigmas das gramáticas conduzem-nos a concluir falsamente que todas as formas verbais tiradas de um mesmo tema são membros da mesma conjugação. A fundamentação de uma conclusão desta natureza reside unicamente na morfologia. Mas para Benveniste a organização dos tempos se baseia em

princípios menos evidentes e entretanto complexos.

“Os tempos de um verbo francês não se empregam como membros de um sistema único; distribuem-se em dois sistemas distintos e complementares. Cada um deles compreende apenas uma parte dos tempos do verbo; todos os dois estão em uso concorrente e permanecem disponíveis para cada locutor.”

(Benveniste, 1976)

Esses dois sistemas materializam-se em dois planos de enunciação nomeadamente o da história (também conhecido por modo narrativo) e o do discurso. Fazem parte do plano de enunciação de história o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito, o pretérito-mais-que-perfeito e o condicional (tempo). O plano do discurso integra todos os tempos verbais excepto o aoristo simples e composto.

A repartição dos tempos verbais apresentada por Benveniste possui pontos em comum com a de Weinrich porquanto, pelo menos, os tempos verbais dos mundos comentado e narrado Weinrichianos são coincidentes com os tempos verbais dos planos de enunciação da história e do discurso de Benveniste. Em segundo lugar qualquer dos modelos teóricos, embora diferentemente, privilegia a intenção do falante e a relação que mantem com o que diz e que está codificada na forma verbal. Enquanto os tempos verbais do mundo comentado são a expressão de uma relação de tensão entre o falante e o que diz, os tempos do discurso, segundo o que se depreende da discussão de Benveniste, não implicam necessariamente a presença de tensão entre o falante e o que diz. Mas antes, que o falante reconhece que a sua enunciação é sobre algo que podendo ser ou não contemporâneo ao momento da fala, não se apresenta como alguma coisa possuidora de uma verdade do tipo histórico. O plano do discurso é incompatível com a intenção histórica; do mesmo modo que o plano da história não se compadece com o do discurso. Em relação ao mundo narrado de Weinrich, que

é a expressão de ausência de tensão do falante, se aproxima do plano de história de Benveniste por lidar com a narração enquanto modo de relato de acontecimentos numa certa sucessão. Para Benveniste "A intenção histórica constitui realmente uma das grandes funções da língua: imprime-lhe a sua temporalidade específica...". Essa temporalidade específica é a do historiador enquanto científica e encerra a verdade histórica, nem sempre coincidente com a verdade dos acontecimentos triviais.

Dado o objectivo do nosso trabalho ser o estudo da correlação da distribuição textual dos tempos verbais com os momentos narrativos e argumentativos num género de texto que é a carta do leitor (sem intenção histórica no sentido científico), adoptaremos o quadro teórico de Weinrich por se revelar mais apropriado na medida em que se aplica mesmo a textos autênticos. Faremos sempre que necessário intervir a informação proveniente do modo verbal e do aspecto bem como a da modalidade para justificar qualquer dos valores pragmáticos das formas verbais do nosso "corpus".

## IV. ANÁLISE DE DADOS

Ma análise das vinte cartas reescritas e fichadas (ver anexos) apuramos que a distribuição dos tempos verbais pelos dois momentos textuais - narrativo e do comentário - respeita o princípio da formação de constelações temporais de Weinrich (ver p. 26). Assim, nos dois momentos textuais da amostra analisada obtivemos a seguinte tabela de frequência dos tempos verbais da narração e da argumentação ou comentário (1):

*Tabela I*

N	X(narração)	Y(comentário)
C1	17	28
C2	8	11
C3	10	13
C4	4	4
C5	55	6
C6	95	17
C7	11	21
C8	3	24
C9	8	12
C10	1	34
C11	6	18
C12	26	10
C13	16	14
C14	10	11
C15	14	8
C16	4	8
C17	3	15
C18	39	20
C19	28	21
C20	19	15

(1) Nesta tabela estão excluídas as ocorrências das formas gerundivas, participiais, infinitivas por serem formas dependentes das finitas.

Para além da ocorrência dos tempos verbais próprios de cada momento textual, registamos em ambos momentos textuais a ocorrência de tempos verbais estranhos. Tais ocorrências, cuja tabela de frequência se segue, constituem as metáforas temporais (Weinrich, 1973).

*Tabela II*

N	X(narração)	Y(comentário)
C1	3	0
C2	3	5
C3	2	0
C4	2	0
C5	11	0
C6	37	1
C7	0	1
C8	8	0
C9	10	3
C10	0	3
C11	1	3
C12	6	3
C13	17	1
C14	2	1
C15	5	0
C16	4	0
C17	19	2
C18	40	2
C19	10	7
C20	10	5

A leitura da tabela de frequência I revela-nos que a sucessão dos tempos verbais num texto é regida por um princípio que resulta na formação de constelações temporais cuja função específica, para além da expressão da temporalidade, é transmitir aos participantes da interação verbal, que isto é um comentário ou que isto é uma narração. O mesmo que dizer, do ponto de vista da intencionalidade do falante, que falo comprometidamente ou que falo com relaxamento.



A ocorrência dos tempos verbais, representados na tabela de frequência II, em termos de "consecutio temporum" constitui uma violação do princípio da sucessão dos tempos verbais e da sua repartição em narrativos e argumentativos. Essas ocorrências, conhecidas por metáforas temporais, reflectem as rápidas transições de atitude do falante perante o que diz. Por exemplo, a ocorrência de um tempo presente na narração é expressão de que o estado de coisas que está sendo descrito afecta directamente o falante. O inverso sucederá quando num "consecutio temporum" argumentativo aparece um tempo verbal narrativo, na medida em que esse tempo verbal exprime que o falante encara a descrição de forma distanciada e relaxada. Examinemos, a título exemplificativo, passagens textuais. Começaremos pela narração:

C1M - Num certo dia em 1988 no mês de Novembro, a população de Chirruala *foi* doada produtos para o seu consumo e catanas e os professores daquela zona de Chirruala *estiveram* presentes e *esperavam* de receber qualquer coisa também e antes do início da distribuição a estrutura do Partido e do Governo distrital *disse* para não terem acesso os professores aos donativos de Calamidades Naturais porque eles *recebem* dinheiro.

No dia 23/01/89 por ver que *passava* muito mal de fome em minha casa *tinha* que ir a D.D.E.V. para ver-se me *passava* um documento que me *dirigisse* ao Gabinete de Calamidades para pedir alguns produtos que houvesse.

A direcção *passou-me* e *fui* ao Gabinete com um colega que também *passava* mal na sua casa, *entregámos* o documento, para ser despachado e *fomos* investigados por director a razão de pedirmos comida, enquanto eles *mandam* produtos de Calamidades nos centros dos deslocados, esquecendo que no outro dia *proibiram-nos* receber canecas de milho com a população das nossas zonas afectadas do inimigo.

Mais tarde o director de Calamidades *mandou* uma rapariga para nos dar 1 saco de 50 Kgs e a rapariga *passou-nos* um bilhete para armazém para recebermos 25 Kgs só e só para 2 professores que para conseguir dar aulas primeiro *devem* abastecer.

C18N - *Comecei* a trabalhar na era do senhor chefe da secção das finanças Arão Arrone Matsinhe.

Ao menos este senhor *sabia* fingir e *tentava* camuflar as vergonhas, considerando o professor, isto é, *tinha* boas relações. O problema deste, *era* demasiado dominado pelo vício de embriaguês, esquecendo-se que *presta* um serviço a benefício da maioria. *Olhava* em primeiro plano o que *era* de agrado pessoal. Deslocando-se ele à Maxixe com objectivo de ir trazer títulos ou dinheiro, a sura *desviava-lhe* da rota, *o-encontravamos* por aí ainda a desafiar com a sura. Saindo vencido na sura, não *era* direito a Vilankulo, *passava* em Mapinhane, depois *descia* a Muriane para engolir mais um pouco o potável produto da cana ou massala.

Se *fixesse* todas essas voltas antes do mês, não *aquecia* a ninguém, mas *são* voltas dadas já no segundo ou terceiro mês atrasado.

*Exagerou* a provocação, ultrapassando os limites até que *foi* provocar qualquer coisa de queda económica na DPE, e assim o *afastaram* das regalias.

*Substituiu* o senhor Jorge André Vilankulo. Este é um autêntico malfeitor. Em nenhum dos pontos *foi* útil. Nem *sabia* se enganar praticar ou falar o bem num professor, até *orgulhava-se* por ser mau. As Histórias do funcionamento deste senhor *só foram* deles e de sucessor dele. *Foi* com este senhor que *começamos* a conhecer atrasos de 3 meses ou 5 para depois só recebermos 1 mês. Na era do senhor Jorge *começou* o sistema de título ser pago em 2 ou 3 vagas, isto é, desta vez *recebe* um certo número de professores doutra vez a segunda metade mas já não no mesmo título. O professor que *trabalhava* longe aparecendo uma semana depois do dia que *começou* a pagar não *encontrava* o dinheiro, *tinha* que esperar a próxima vez. *Era* uma série de jogos que a olho nú se *concluía* que *tratava-se* de uma autêntica robalheira. Mas não *devia* dizer nada, senão és sujeito de colocações em zonas difíceis, senão é alvo daquilo que eles *consideram* punição, SMO ou curso ideológico na escola provincial do Partido, e que se *fosse* isso só, não *temeríamos* tanto pois que além de punição como eles *interpretam*, é um dever cumprir o SMO, e no fundo, mesmo na escola Provincial do Partido não *há* castigos segundo eles *imaginam*. A pior dor é de ter que suportar ou de todas as desculpas das robalheiras recaírem sempre para o nome que se pronunciar sobre este mau funcionamento dos nossos chefes.

Hoje *está* na cadeira financeira o senhor Inácio. Só *mudou* os métodos, mas o conteúdo *sai* o mesmo, e para com este *foi-nos* tanto atendendo o tempo em que *atravessamos* do PRE e da situação Política porque quase todos nós *esamos* refugiados na sede do distrito ou noutros centros onde *somos* garantidos a segurança. Porque o comércio *está* fraco, ao longo do ano só

*pode* conseguir abastecer 5 ou 6 vezes, quantidades insignificantes de milho, açúcar e arroz, que nunca *chegaram* para aguentar 7 dias da semana. Não *temos* acesso da distribuição gratuita de calamidade ou doutras organizações porque *temoso* título de que *somos* remunerados no fim do mês. Só nos "dumba nengue" é que *vamos* viver. Enfim...

*Vivemos* vários problemas de professores que por terem esposas fracas *ficam* sem elas porque o marido não lhe *veste* suficientemente a ela e aos filhinhos, *palhota é* das mais rudes, *passa* a vida a pedir ou nem *tem* onde pedir, passando assim dias sem usar panelas nem pratos. É frequente ver os filhos dos professores nas portas dos armazéns e na ponte apanhando restos ou grauzinhos ou ao descarregarem os camiões. Assim essas mulheres *preferem* abandonar um professor para ir se juntar com um estivador porque ao menos *vai* ter de comer e de vestir ou *junta-se* a um desempregado porque pelo menos quando *houver* distribuição da Calamidade *será* contemplado.

*Estou* certo de que o clamor dos professores deste distrito *chegou* até a mais alta estrutura provincial que *responde* por este sector através do director Provincial quando nos anos 84 e 85 cá *visitou*, recentemente, no mês de Abril do corrente ano, *demos* este grito diante o secretário Provincial da ONP. Ele assim como a todos que por aqui *têm* passado *limitam-se* a ouvir e a carregarem-nos de esperança dizendo que as coisas *mudariam*, mas nunca.

Nestas passagens narrativas ocorrem numa proporção significativa os tempos verbais narrativos. Em C1N, 85% das formas verbais que encontramos são narrativas em C18N temos 43.8% justamente por causa do seu carácter dramático. Por isso consideraremos estes trechos como do mundo narrado (Weinrich, 1973) cujo traço essencial é a expressão da atitude relaxada do falante perante o que diz.

O texto C1N inicia-se com uma forma verbal da narração - *preférito* perfeito "foi" - que é simultaneamente o tempo zero da narração. Para o falante tem dupla função, primeiro a de servir como ponto de referência para os outros tempos da narração que vier a utilizar e, segundo a de revelar a sua atitude

relaxada perante o que diz. Os restantes tempos verbais de C1N são narrativos exceptuando-se três formas do presente do indicativo (recebem, mandam, devem) que constituem metáforas temporais. Esta predominância dos tempos narrativos é justificação da classificação deste texto como narrativo e, por outro lado, da atitude do falante como relaxamento.

Esses tempos verbais para além da sua função retrospectiva e de relaxamento da atitude do falante, indicam por meio da variação aspectual perfectiva/imperfectiva, via pretérito perfeito, e imperfeito respectivamente, os acontecimentos encarados pelo falante como, únicos, acabados, transitórios e imprevisíveis. E por oposição a estes, existem os que para o falante têm aparência de ser permanentes ou que se repetem habitualmente a um certo ritmo e que, por isso, são previsíveis. Por exemplo, em C1N encontramos nove verbos no pretérito perfeito (em itálico) que marcam a sucessão de eventos encarados pelo falante, como únicos ou acabados e alguns imprevisíveis.

“... os professores daquela zona de Chirruala *estiveram* presentes e *esperavam* de receber qualquer coisa também e antes do início da distribuição a estrutura do Partido e do governo distrital *disse* para não terem acesso os professores aos donativos de Calamidades Naturais...

“No dia 23/01/89 por ver que *passava* muito mal de fome em minha casa *tinha* que ir a D.D.E.V. para ver-se me *passava* um documento que dirigisse ao Gabinete de Calamidades para pedir alguns produtos que houvesse.

“A direcção *passou-me* e *fui* ao Gabinete com um colega que também *passava* mal na sua casa, *entragámos* o documento, para ser despachado e *fomos* investigados por director a razão de pedirmos comida (...) esquecendo que no outro dia *proibiram-nos* receber canecas de milho com a população das nossas zonas afectadas do inimigo.

“Mais tarde o director de Calamidade *mandou* uma rapariga para nos dar 1 saco de 50 Kgs e a rapariga *passou-nos* um bilhete para armazém para recebermos 25 Kgs só e só para 2 professores que para conseguir dar aulas...”

Por outro lado, no mesmo texto há cinco verbos no pretérito imperfeito a sublinhado com a função de assinalar uma sucessão de eventos, num período de tempo em que o próprio tempo tende a mobilizar-se numa unidade espacial. Os acontecimentos descritos, para o falante, apresentam-se como previsíveis (esperavam) ou com a aparência de permanentes ou repetativos (3 x passava, tinha).

O mesmo sucede em C18N com 43% das formas verbais que nela ocorrem do mundo narrativo (Wernrich, 1973):

Esta carta, à semelhança da C1N, inicia-se com uma forma verbal do pretérito perfeito (“comecei”) com três funções fundamentais. A primeira é a de funcionar como ponto de referência a partir da qual se determinarão os restantes tempos narrativos. E a segunda é a de assinalar a atitude relaxada do falante perante não só o facto descrito (começar a trabalhar) por este tempo verbal bem como das formas verbais que imediatamente a seguem (uma tentava, tinha, era, etc.). Finalmente, por o verbo “começar”, quanto ao aspecto objectivo (ver p.30), ser um verbo incoativo marca a entrada do leitor no mundo das irregularidades e abusos praticados no sector da educação no que diz respeito ao pagamento de salários de professores.

Posteriormente ocorrem formas do pretérito imperfeito que denotam o comportamento habitual do(s) chefe(s) da secção de finanças.

Ao menos *sabia* fingir e *tentava* camuflar as vergonhas... *tinha* boas relações. O problema deste, *era* demasiado dominado pelo vício de embriaguês... *Olhava* em primeiro plano o que *era* de agrado pessoal.

... a sura *desviava-lhe* da rota, *o-encontravamos* por aí... saindo vencido na sura, não *era* direito a Vilankulo, *passava* em Mapinhane, depois *descia* a Muriane...

“Se fizesse todas essas voltas antes do mês, não *aquecia* a ninguém...”

O aparecimento no quarto parágrafo de uma série de formas no pretérito perfeito

narrativa. Essa unidade terá como características fundamentais, primeiro, a redução gradativa dos tempos típicamente narrativos e, segundo, a sua substituição por tempos verbais do comentário usados, numa acepção metafórica, porquanto os acontecimentos são narrados comprometidamente.

“... não *encontrava* o dinheiro, tinha que esperar a próxima vez. *Era* uma série de jogos que a olho nú se *concluía* que *tratava-se* de uma autêntica robalheira. Mas não *devia* dizer nada, senão *és* sujeito de colocações em zonas difíceis, senão *é* alvo daquilo que ela *consideram* punição, SMO ou curso ideológico na escola provincial do Partido, e que se fosse isso só, não *temeríamos* tanto pois que além de punição como eles *interpretam*, *é* um dever cumprir o SMO, e no fundo, mesmo na escola Provincial do Partido não *há* castigos segundo eles *imaginam*. A pior dor *é* de ter que suportar ou de todas as desculpas das rebalheiras *recaírem* sempre para o nome que se pronunciar sobre este mau funcionamento dos nossos chefes.”

Aqui temos apenas cinco tempos narrativos no tempo imperfeito e o resto das ocorrências estão no presente, constituindo, portanto, metáforas. Essas metáforas permitem ao falante narrar os acontecimentos comprometidamente até ao fim do texto (C18N), salvo casos como

“Só *mudou* os métodos ...”

“...quantidades insignificantes de milho, açúcar e arroz, que nunca *chegaram* para aguentar 7 dias da semana.”

“...o clamor dos professores deste distrito *chegou* até a mais alta estrutura provincial que *responde* por este sector através do director Provincial quando nos anos 84 e 85 cá *visitou*.”

“...*temos* este grito diante o secretário Provincial da ONP.”

“...as coisas *mudariam*, mas nunca.”

Em ambos os textos (C1N e C18N) verificamos que uma proporção altamente significativa das formas verbais pertencem ao modo indicativo. Isto encontra explicação no facto de o modo indicativo ser o modo menos marcado e por

consequência, o modo mais consentâneo à descrição dos estados de coisas que o falante encara de forma relaxada. O modo indicativo, por outro lado, é o modo da necessidade e nos casos em que ele se cruza com os verbos/expressões modais ganha novas dimensões de modalidade. Por exemplo, em contextos como os que se apresentam nos trechos em análise a expressão “tinha que (em “tinha que ir a D.D.E.V. ...”, “tinha que esperar a próxima vez” e “A pior dor é de ter que suportar...”)) exprime a situação de necessidade/obrigatoriedade em que se achava para a realização desses actos. O mesmo sucede no entrecruzamento dos verbos modais “dever” e “poder”. por exemplo nos enunciados “...só para dois professores que para conseguir dar aulas primeiro devem abastecer.”, “Mas não devia dizer nada ...”, “...é um dever cumprir o SMO, ...”, o sentido deôntico do verbo *dever*, associado à necessidade expressa pelo modo indicativo são recursos em mão do falante para transmitir a necessidade/dever/conveniência.

Todavia temos nos textos em análise quatro formas verbais no conjuntivo, encontrando-se todas elas no pretérito imperfeito. Duas delas estão inseridas na frase condicional.

*“Se fizesse todas estas voltas antes do mês, não aquecia a ninguém...”*

*“...se fosse isso só, não temeríamos tanto ...”*

E exprime a eventualidade ou possibilidade dos estados de coisas envolvidos na descrição “Fazer todas estas voltas antes do mês” e “ser isso só” respectivamente. Para além do pretérito imperfeito na segunda frase ocorre o modo condicional “temeríamos” como expressão da certeza no mundo alternativo instaurado pela frase condicional. O mesmo pode dizer-se da primeira frase, porquanto a forma “aquecia” tem como forma paradigmática o condicional “aqueceria”.

O aspecto na língua portuguesa manifesta-se com maior evidência no passado (Klein, 1973). Este facto consubstancia-se através da dicotomia pretérito perfeito e pretérito imperfeito, extensiva a todos os verbos. Vamos abordar o aspecto no mundo narrado porque a oposição aspectual em português se nota mais claramente no passado, dimensão temporal que integra os tempos verbais

narrativos. Todavia, não excluimos a hipótese de voltarmos a falar dele no mundo comentado.

O par binário aspectual — pretérito perfeito e pretérito imperfeito — tal como já o dissemos (ver p. 30 ) tem a função de codificar num “consecutio temporum” a atitude do falante. Este ao servir-se desta oposição binária aspectual na comunicação estabelece o relevo narrativo (Weinrich, 1973): o pretérito perfeito simples é na narração o tempo de primeiro plano e o imperfeito é o do segundo plano, ao mesmo tempo que dá o pano de fundo e a ideia de processualidade. O pretérito perfeito simples marca as unidades de acção da narração, facto que se prende ao seu carácter de tempo zero. O quadro que se segue ilustra como a oposição aspectual se manifesta no nosso “corpus”.

1º PLANO UNICIDADE/TRANSITORIEDADE	2º PLANO PROCESSUALIDADE
C1N 56. “... a população de Chirruala <i>foi doada</i> produtos...” 57. “... os professores <i>estiveram</i> presentes ...” 58. “ A direcção <i>passou-me</i> e fui ao Gabinete com um colega...”	C1N 63. “... e <i>esperavam</i> de receber qualquer coisa...” 64. “...que também <i>passava</i> mal na sua casa...”
C6N 59. “... <i>abri</i> uma conta a prazo (...) cujo valor ...” 60. “ A senhora dona Aissa (...) <i>respondeu-me</i> que as folhas para a aquisição dos juros ...”	C6N 65. “... <i>era</i> de 30 000, 00 MT” 66. “... ainda <i>estavam</i> prontas, pelo que oportunamente <i>devia</i> passar por aquela agência...”
C18N	C18N 67. “ <i>Era</i> uma série de jogos que a olho nú se <i>concluía</i> que se <i>tratava</i> duma autêntica robalheira.”
C19N 61. “...o dinheiro <i>acabou</i> ”	C19N 68. “... ora <i>estavamos</i> a comer do donativo; <i>devíamos</i> ser presos ...”
C20N 62. “...esta afirmação <i>preocupou-nos</i> muito durante os nossos trabalhos...”	C20N 69. “... visto que quando <i>apresentássemos</i> as nossas dúvidas não nos <i>esclarecia</i> ...” 70. “Nós <i>dávamos</i> aulas na sua ausência e só <i>vinha</i> para classificá-las.”



Como já dissemos, existem, contudo, metáforas temporais.

71. C1N — “... a estrutura do Partido e do Governo distrital *disse* para não terem acesso os professores aos donativos porque eles *recebem* dinheiro.”

Este aspecto aqui descrito por esta forma verbal mais tarde é retomada no texto para a construção da argumentação no momento textual do comentário.

72. C1A — “Claro, *recebemos* dinheiro mas com atrasos exagerados, pelo que nós professores *sofremos* muito...”

O mesmo acontece em

73. C3N — “ O mais triste, só depois de sete meses de espera, *chega-me* a informação de ter que repetir a exposição porque a anterior *estava* errada.”

através do qual o falante narra comprometidamente a chegada de informação para fazer uma nova exposição. O falante já no comentário formula uma pergunta de teor argumentativo e, construída na base do narrado comprometidamente.

74. C3A — “ Agora pergunto: Com quem pára a minha exposição? Uma vez que ela está *indeferida*.”

O falante com a recuperação no momento do comentário dos factos descritos por metáforas temporais no momento da narração não faz senão justificar o porquê de os ter narrado comprometidamente.

Uma vez discutido o momento textual narrativo, passamos a tratar do momento textual do comentário ou argumentativo. Antes porém apresentamos primeiro passagens textuais do nosso “corpus” do comentário ou argumentativas.

C1A - "Eu sou professor do ensino primário do 1º grau afecto no distrito de Vilanculo, província de Inhambane, actualmente, *encontramo-nos* como deslocados na Sede do distrito com a população *da nossa escola*.

Agora a maior preocupação que me *leva* a escrever esta carta à Revista Tempo senhores leitores, é porque se *houver* quaisquer coisas de apoio às populações deslocadas os professores não *são* vinculados mas sendo também deslocados.

Claro, *recebemos* dinheiro mas com atrasos exagerados, pelo que nós professores sofremos muito, porque mesmo tendo dinheiro não *há* onde *podemos* expôr preocupações sobre géneros alimentícios. Afinal de contas, se os professores *são* deslocados não *enfrentam* dificuldades que a população *depara* na vida social?

Eu perguntaria à rapariga de nome Teresa Respeito que qual é o ódio que tem com os professores porque no Gabinete de Calamidades de Vilanculo os professores *são* mal vistos menos outros trabalhadores é que *são* atendidos os seus pedidos ou então os conhecidos.

A terminar *diria* que se assim fou para sempre este tipo de consideração ao nível do país, por parte dos professores, todos *ficarão* desmoralizados e *correrão* ao risco de quererem trabalhar onde houver comida.

Porque na Educação nada se aproveita no serviço, isto é, nenhuma regalia temos além dos vencimentos.

As pessoas *criam* amizade com professores no tempo de matrículas e nos exames, depois disso *mandam* passear.

C1A - "Cartas dos leitores é uma bem das destacadas secções da "Tempo" e dos jornais que relatam diversas ocorrências pelo país. fora.

É deveras doloroso o caso narrado (1), a contar pela idade de cinco décadas vividas por ele, valera sobretudo, a ponderação e o auto-domínio de nervos senão já *teria* esquarterado um dos banqueiros sem contudo, usufruir algum abono por isso, o que é muito bom, mas francamente!...

---

(1) Ver anexos C6N e C6A

O BPD na Maxixe está fazendo um "Cambalacho" à sua maneira, está denegrindo a nossa banca, a Sr<sup>a</sup> Aissa, a tal de brincos longos e mais alguma coisa de unhas e lábios avermelhados, sim senhor a estética e beleza feminina em evidência, mas só isto não basta, para a ética profissional, tratar-se-á de pura coincidência ou azar do mesmo depositante? Tanto a primeira conta bem como a segunda tramam o mesmo cidadão injustamente, Curioso senhores! a subgerente e o senhor E: Armando o tal de olhos inchados e avermelhados totalmente consumido pela "sura", coitado do homenzinho!... ambos, portanto a dupla *está fazendo* vida cara ao pobre Bimbe e a outros, o vaivém ou lenga-lenga que *movem* contra aquele educador qual é o objectivo

*Estão fazendo* tempo para que algum *caia* numa emboscada do inimigo e daí *julgam*: morre o bicho acabou-se a peconha? *enganam-se. olhem* que ele *tem* oito filhos e contra vós *moverão* um pé-de-vento, aliás já o pai começou e *alinho-me* nele para remexermos o céu e a terra para que lhe *devoavam* o que é dele "o seu a seu dono" *não sabem?*

*Sunponho* que o meu infeliz "pai" (em consideração à sua idade), já *gastou* um considerável montante em viagens, alojamento e em refeições forçadas, muito superior ao devido pelo BPD da Maxixe, e agora quem *assumirá* o reembolso desses gastos desnecessários?

*Estou* ciente que a chefia do BPD *intervirá* sem complacência pois o que *está* em causa é o BPD infectado por umas minhocas ou matequenhas na Maxixe, a ver *vamos*.

Meu paizinho Bimbe, mais dias e menos dias *terá* obviamente o seu cachet, *lecciona* com bravura símbolo dos teus 26 anos na educação.

C19A - "Escrevemos à Tempo como meio de reivindicação das condições injustas que nos afligem nes província de Sofala, cidade da Beira, impostas pelas estruturas proviciais de Educação (DAF e Recursos Humanos).

A Educação como é sabido, é o fulcro principal pra o desenvolvimento duma sociedade, isto porque sem ela não pode existir uma evolução científica doutras profissões.

.....

Face a isto, nós *pensamos* que os nossos responsáveis *são injustos*, insensíveis e sem caridade, pois, *pagam* uns e outros não. E se *há* lei como *afirmam*, *deve-se* cumprir integralmente em todo o país por todos os cidadãos. *Imagem* só caros leitores que todas as condições que

*criámos* a voarem num minuto, por termos atendido os seus conselhos de trabalharmos nos distritos (campo) onde *está* a esmagadora maioria. Agora *perguntamos*: *Fizemos* mal por termos aceite a trabalhar no campo? Ou *gostariam se ouvissem* que perecemos lá? Aos que *sacrificaram-se* terão direito os seus familiares de alguns vencimentos se nós os sobrevivente nos *é* difícil? Se *dizem* que *violámos* a fronteira, se *fosse* um deles naqueles anos (1985 e 1986) nos distritos acima indicados onde refugiria?

Assim *apelamos* as Estruturas Centrais do MINED para averiguar o assunto e resolver o problema que *afecta* mais de 60 professores de Sofala."

Os trechos apresentados pertencem ao mundo comentado de Weinrich porque neles ocorrem em proporção significativa termos verbais do comentário. Em C1A estes tempos ocorrem numa percentagem de 100% em C10A em 91.8% e finalmente em C19A em 75%. No entanto em C10A há apenas cinco ocorrências metafóricas nomeadamente "Valera", "acabou-se", "gastou". Elas explicam-se como metáforas temporais com a função de indicar a atitude de relaxamento com que o falante comenta os factos. Comenta-os como se os estivesse a narrar. O mesmo sucede com as formas verbais "criámos", "fizemos"; "sacrificaram-se" e "violámos". Quer num como noutro caso tal relaxamento de atitude do falante tem a ver com o facto de estas formas serem de retrospecção (Weinrich, 1973).

Existem em C19A formas verbais no condicional e no conjunto que funcionam como metáforas de validade limitada na medida em que exprimem hipótese ou probabilidade remota. Tais formas são: "gostariam" (1), "ouvissem" "refugiria" e "estivessemos".

As frases do tipo interrogativo constituem um recurso de que se apoia o falante para revelar a atitude de tensão perante os seus enunciados no momento textual do comentário.

---

(1) Nesta forma verbal para além do modo propriamente dito interfere o facto de esta unidade lexical em si exprimir a modalidade desejo.

75. C10A "... tratar-se-á de pura coincidência ou azar do mesmo depositante?"

C18A

76. Será mesmo impossível tomar uma solução justa para esta crise que não só prejudica o professor mas também a sociedade inteira?"

77. C20A - "... Como é que se informava a cerca dos sucessos e fracassos das aulas?"

A modalidade e o modo verbal são mecanismos que também se integram na ideia de o tempo verbal designar, para além da temporalidade, uma relação particular entre o falante e os seus enunciados. Começaremos pela modalidade, pautando a classificação de Parret (1976) e a classificação tradicional das modalidades, com o intuito de tornarmos mais clara a intenção do falante.

<u>Modalidade de Parret</u>	<u>Modalidades tradicionais</u>
<p>Modalidades lexicalizadas</p> <p>78.C1N-"...a rapariga passou-nos um bilhete para recebermos 25 kgs só e só para 2 professores que para conseguir das aulas primeiro devem se abastecer</p> <p>79.C3N-"... fiz uma exposição ao Ministério da Educação para ver se podia fazer a revisão da minha indevida nomeação."</p> <p>80.C2N-"... preciso de conhecer o bolso que congelou pelo menos alguma coisa..."</p>	<p>Modalidade deôntica passível de ser tomada como necessária (modalidade alética).</p> <p>Modalidade alética ou aristolética (possível) podendo ser interpretada como plausível (modalidade epistémica)</p> <p>Modalidade alética (necessário), pode ser encarada como deôntica, enquanto expressão da obrigatoriedade.</p>

<p>81.C5N-"... apartir de hoje <u>têm que sair</u> para gozarem férias de dois dias..."</p>	<p>Modalidade alética (necessário) mas pode ser encarada como deôntica, expressão da obrigatoriedade.</p>
<p>82.C8A-"... quero me referir do ódio que circunda..."</p>	<p>Modalidade alética (necessário).</p>
<p>Modalidade proposicionais</p> <p>83.C10A-" Estou ciente que a chefia do BPD intervirá sem complascência..."</p>	
<p>84.C18A-" Estou muito certo de que o clamor dos professores deste distrito chegou até mais alta estrutura provincial..."</p>	<p>Em ambos enunciados (83 3 84) encontramos a modalidade epistémica, expressão da certeza.</p>
<p>85.C18A-" Eu não sei qual será ou qual foi a percentagem de aproveitamento..."</p>	<p>Modalidade epistémica, indicando o 2 duvidoso.</p>
<p>Modalidade pragmáticas</p> <p>86.C2N-" Eu perguntei à rapariga de nome Teresa Respeito que qual é o ódio que tem com professores..."</p>	

87.C1A-“ Ao terminar diria que se assim  
fou (...) todos os professores ficarão  
desmoralizados...”

88.C8A-“ Não seria do meu gosto ter  
que bloquear a tranquilidade dos  
leitores

89.C9A-“ Muito grato estaria ao Exmo  
Sr. Chefe da Redacção se permitisse a  
publicação da denúncia (...)” Ignorância  
ou má fé?”

Modalidades ilocutárias

90. C3A- “ Agora pergunto...”

91. C3A-“ Ao terminar peço às  
estruturas competentes observar a  
questão.”

92.C10A- “ Suponho que o meu infeliz  
“pai” (...) já gastou um considerável  
montante em viagens...”

93.C14A- “ Lamento-me bastante  
porque o Secretariado da ONP de  
Nampula conhece de antemão a  
dolorosa situação dos professores...”

Nos quatro exemplos está  
presente a modalidade  
epismética-plausível- mas  
também a alética (necessidade)  
somente nos dois casos de C1N.  
Todavia em C8A prevalece a  
modalidade deôntica (interdito).

Quanto o modo verbal como expressão da atitude do falante temos a dizer o seguinte. O modo indicativo nos casos que a seguir apresentamos é o modo não-marcado, da certeza, da necessidade e obrigatoriedade.

94.C1A- "... na Educação nada se *aproveita...*" (certeza)

95.C2N- "... o meu director da escola *trouxe-me* o meu vencimento descontado" (certeza)

96.C2A- "... *preciso* de conhecer o bolso que songelou pelo menos alguma coisa." (necessidade/obrigatoriedade)

A contribuição do conjuntivo faz-se sentir não como mecanismo sintáctico da subordinação (ver p.27), mas enquanto modo que exprime a possibilidade, a dúvida, a incerteza, a eventualidade e o desejo.

98.C11A- " Por último propunha que os dirigentes religiosos *fossem* intervir ao Ministério de Educação..." (desejo)

99.C14A- " Faço votos que continuem a dar o vosso contributo quer em material quer em moral." (desejo)

100.C19A- "... se fosse um deles naqueles anos (1985 e 1986) nos distritos acima indicados onde reguriria?" (eventualidade/possibilidade)

No entanto a ordem, o apelo e o pedido são realizados na maior parte das vezes através do conjuntivo.

101-C7A- "... ajudem-me a reflectir..."



102.C7A- *Vejam só*, até hoje não faço trabalho de um escriturário-dactilógrafo.

103.C14A- *Estejam certos* que a ONP ORGANIZADA SEMPRE VENCERÁ.

104.C19A- *Imagem só caros leitores* que todas as condições que criámos a voarem...

105.C13A- Caros leitores, colegas da mesma luta, senhores professores e demais individualidade humanas *ajudem* a resolver este problema.

Saliente-se que a força de ordem ou pedido do presente do conjuntivo resulta em parte da confluência do tempo presente (o porvir ainda que a nível do menos real) com algumas das características da ordem nomeadamente o carácter menos real e a necessidade/obligatoriedade.

O modo imperativo, por excelência o da ordem, ocorre duas vezes ao longo do nosso "corpus" provando-se desta maneira a rara ocorrência de forma imperativivas neste tipo de texto. Este aspecto encontra justificação no facto de este tipo de discurso-carta do leitor- não implicar a presença física do falante e ouvinte no momento da sua produção.

106.C5N- Olha, não apanhámos a tua caderneta nem a ficha

107.C10A- ... lecciona com bravura símbolo dos teus 26 anos na educação.

O modo condicional aparece com particular incidência no momento textual do comentário ou argumentativo, a funcionar para o falante, como manobra discursiva argumentativa. É, pois, com base nele que o falante, valendo-se do processo de construção de hipóteses, articula o mundo real com os mundos alternativos para daí extrair ou fazer argumentos ou conclusões a respeito do problema que está a discutir.

108.C8A- Não *seria* do meu gosto ter que bloquear a tranquilidade dos leitores, porém sou obrigado a fazê-lo.

109.C19A- Agora perguntamos: (ou *gostariam* se ouvissem que perecemos lá?

110.C19A-... se fosse isso só, não *teríamos* tanto pois que além de punição como interpretam, é um dever cumprir o SMO...

111.C7A- " Se eu fosse uma pessoa inculta *perguntaria* o seguinte...

Para além desta utilização do modo condicional, verificamos que o falante usa-o para assinalr o distanciamento e polidez discursiva.

112.C1A- " Eu *perguntaria* à rapariga de nome Teresa Respeito..."

113. C1A- " A terminar *diria* que se assim for para sempre este tipo de consideração ao nível do país, por parte dos professores, todos ficarão desmoralizados..."

114.C11A- " Em meu nome pessoal, *gostaria* que alguns aspectos sofressem uma revisão..."

Tanto a modalidade e o modo verbal como o aspecto e a frase interrogativa ajudam a sustentar a ideia de que o tempo verbal, para além da temporalidade, exprime a atitude do falante. Por outro lado, estes mecanismos contribuem para a confirmação da existência de uma forte correlação entre a atitude do falante e momentos textuais. O cálculo de coeficiente de Pearson reflecte de forma mais exacta a correlação entre a utilização dos tempos e os momentos textuais narrativo e do comentário nas cartas dos leitores da "Tempo". Da aplicação deste teste com o nível de significância de 0.05 obtivemos o seguinte:

Tabela III

N	X (Narração)	Y (Comentário)	XY	X <sup>2</sup>	Y <sup>2</sup>
C1	17	28	476	289	784
C2	8	11	88	64	121
C3	10	13	130	100	169
C4	4	4	16	16	16
C5	55	6	330	3025	36
C6	95	17	1615	9025	289
C7	11	21	231	121	441
C8	3	24	72	9	576
C9	8	12	96	64	144
C10	1	34	34	1	1156
C11	6	18	108	36	324
C12	26	10	260	676	100
C13	16	14	224	256	196
C14	10	11	110	100	121
C15	14	8	112	196	64
C16	4	8	32	16	64
C17	3	15	45	9	225
C18	39	20	780	1521	400
C19	28	21	588	784	441
C20	19	15	285	361	225
E	E=377	E=310	E=5632	E=16669	E=5892

Fórmula do cálculo de coeficiente de Pearson:

$$r_{xy} = \frac{NEXY - (EX)(EY)}{\sqrt{[NEX - (EX)^2][NEY - (EY)^2]}}$$

$$r_{XY} = \frac{NEXY - (EX)(EY)}{\sqrt{[NEX^2 - (EX)^2][NEY^2 - (EY)^2]}}$$

$$r_{XY} = \frac{20 \times 5632 - (377)(310)}{\sqrt{[20 \times 16669 - (377)^2][20 \times 5892 - (310)^2]}}$$

$$r_{XY} = \frac{112640 - 116870}{\sqrt{(333380 - 142129)(117840 - 96100)}}$$

$$r_{XY} = \frac{-4230}{\sqrt{41577967}}$$

$$r_{XY} = \frac{-4230}{64480979} = 0,6560074 = 0,656$$

Trata-se de uma correlação negativa com a tendência a ser perfeita.

Aplicamos igualmente o cálculo do coeficiente de correlação de Pearson à tabela de frequência das metáforas temporais aparecidas nos dois momentos textuais consideramos: momento narrativo e do comentário.

Tabela IV

N	X (Narração)	Y (Comentário)	XY	X <sup>2</sup>	Y <sup>2</sup>
C1	3	0	0	9	0
C2	3	5	15	9	25
C3	3	0	0	4	0
C4	2	0	0	4	0
C5	11	0	0	121	0
C6	37	1	37	1369	1
C7	0	0	3	0	1
C8	8	1	0	64	9
C9	10	3	3	100	9
C10	0	3	18	0	9
C11	1	3	18	1	9
C12	6	3	18	36	9
C13	17	1	17	289	1
C14	2	1	2	4	1
C15	5	0	0	25	0
C16	4	0	0	16	0
C17	19	2	38	361	4
C18	40	2	80	1600	4
C19	10	7	70	100	49
C20	10	5	50	100	25
E	E = 192	E = 37	E = 360	E = 4212	E = 147

$$r_{XY} = \frac{20 \times 360 - 192 \times 37}{\sqrt{[20 \times 4212 - (192)^2] [20 \times 147 - (37)^2]}}$$

$$r_{XY} = \frac{7200 - 7104}{\sqrt{(84240 - 3664) (2940 - 1369)}}$$

$$r_{XY} = \frac{96}{\sqrt{(47376) (1571)}}$$

$$r_{XY} = 0,0111276$$

Trata-se de uma correlação positiva.

Os efeitos de correlação de Pearson para as duas tabelas de frequência (II e IV) são de -0,656 e +0,111 respectivamente e o valor crítico correspondente a  $N = 20$ , ao nível de significância de 0,05 unidireccional é de 0,378. Dado que os coeficientes de correlação são superiores ao valor crítico é aceite a nossa hipótese de trabalho (ver p.10).

## V CONCLUSÃO

O tempo verbal concentra um conjunto de informações muito mais diversificadas do que tradicionalmente se supunha. O avanço dos estudos linguísticos revela-nos que, por exemplo, considerar o passado como o tempo que somente indica o sucedido antes do momento em que se encontra o falante (presente) é uma maneira redutora e talvez simples e empobrecedora de encararmos o tempo verbal.

Uma das informações veiculadas pelo tempo verbal é a atitude do falante perante os seus enunciados. Essa atitude pode ser de tensão ou de relaxamento e coincide com momentos textuais argumentativo e narrativo respectivamente. Falar dos tempos verbais como expressão da atitude do falante e dos momentos textuais (narrativo e argumentativo) não é mais do que falar da distribuição textual dos tempos verbais. Várias teorias sobre a distribuição dos tempos verbais no texto foram sendo expostas ao longo dos tempos. A de Weinrich (1973) constitui o quadro teórico do nosso trabalho. Segundo o autor, a predominância dos tempos narrativos (pretérito-mais-que perfeito, pretérito imperfeito e pretérito perfeito) num texto é reveladora de que a atitude do falante é de relaxamento perante o que diz. Por outro lado, e ainda de acordo com o autor, a formação de uma constelação dos tempos do comentário é indicativo de que a atitude do falante é de tensão em relação aos seus enunciados. A ocorrência de tempos verbais estranhos a um dos momentos constitui uma metáfora temporal.

Definimos como objectivos a atingir com o presente trabalho contribuir para a sistematização do português escrito em Moçambique através do estudo da correlação entre o uso dos tempos verbais enquanto indicadores da atitude do falante, e os momentos narrativos e argumentativos. Para tanto, partimos da hipótese de trabalho de que existe uma forte correlação entre a utilização dos tempos verbais como indicadores da atitude de relaxamento e de tensão do

falante perante os seus enunciados, e os momentos narrativos e argumentativos.

Na selecção do "corpus" usámos basicamente dois critérios, nomeadamente o nível de escolaridade dos autores das cartas e a estrutura interna da carta. Os autores das cartas da nossa amostra são professores primários cujo domínio da língua portuguesa é o adquirido pela escolarização. Cada uma das cartas apresenta na sua estrutura um momento narrativo e outro do comentário.

Seleccionando o "corpus", procedemos à escrita das cartas para destacar cada um dos momentos textuais. Este exercício de reescrita, mais tarde, serviu de base para o levantamento e cálculo estatístico de significância da correlação entre os tempos verbais de cada um dos momentos textuais e a atitude do falante.

Com o presente trabalho provámos que no português escrito em Moçambique por professores primários para a rubrica "Carta do Leitores":

1. Há uma forte correlação entre a utilização dos tempos verbais como indicadores da atitude de relaxamento e de tensão do falante perante os seus enunciados e os momentos narrativos e argumentativos ou do comentário. Esta conclusão é fundamentada pela análise do "corpus" que incluiu a aplicação do teste de correlação de Pearson ao nível de significância 0,05 unidireccional.

Os coeficientes de frequência apurados para o momento narrativo e argumentativo do "corpus" são de - 0,656 e + 0,111 respectivamente. O valor crítico correspondente à amostra de  $N = 20$ , ao nível de significância em que trabalhamos (0,05 unidireccional), é de 0,378. Sendo os coeficientes de correlação dos dois momentos textuais (narrativo e termos estatísticos, é de aceitar a hipótese de trabalho de que existe uma forte correlação entre a utilização dos tempos verbais como expressão da atitude do falante e os momentos textuais narrativo e argumentativo.

A confirmação da hipótese de trabalho é o mesmo que afirmar que o teste de correlação de Pearson constitui um dos meios para provar a aplicabilidade



da tipologia dos discursos de Weinrich (1973) no estudo da "Carta do Leitor". Nesta tipologia, considera-se que os tempos verbais do passado (pretérito-mais-que-perfeito, pretérito imperfeito, pretérito perfeito) ocorrem com maior frequência na narração formando o mundo narrado cujo traço fundamental é a atitude realxada do falante perante os seus enunciados. Por oposição ao mundo narrado, estabeleceu-se nesta tipologia, o mundo comentado ou do comentário que integra os tempos verbais do presente e futuro.

2. Estão em função concorrente e complementar a modalidade, o modo e aspecto verbais, na expressão da atitude do falante perante os seus enunciados. Estes mecanismos, embora não mencionados na teoria de Weinrich (1973), foram tidos em conta na análise efectuada justamente para, não só constituírem parte integrante da forma verbal, mas também porque veiculam a atitude do falante.

3. A frase do tipo interrogativo, em particular no momento do comentário, funciona como mecanismo de expressão da internacionalidade do falante.

Finalmente queremos realçar que a aplicação da repartição dos tempos verbais de Weinrich (1973), pode ajudar muito na análise e interpretação de textos e no estabelecimento da tipologia dos discursos.

## BIBLIOGRAFIA

Austin, J.L. *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University Press, 1967

Barense, D.D. *Tense Structure and Reference: A First-order Non-Modal Analysis*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1980

Benveniste, E. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, 1976

BOCKLE, Klaus. "Para uma análise semântica do emprego dos modos nas orações ilativas por daí que se semelhantes correlativos em português contemporâneo", *Estudos de Linguística Portuguesa*, organizado por José G. Herculano e Jurgen Schmidt-Radefeldt, Coimbra: Coimbra Ed<sup>a</sup>, 1984

Butler, C. *Statistics in Linguistics*. Oxford: Basil Blackwell Ltd, 1985

Campos, H. Costa. "O pretérito composto: um tempo presente?", *Actas do 3º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 1987

CARVALHO, José G. Herculano "Tempo e Aspecto Numas Páginas de "A Relíquia". *Estudos Linguísticos: 3º Vol.* Coimbra: Coimbra Ed<sup>a</sup>. Ltd, 1984

CARVALHO, José G. Herculano. "Ficar em casa/Ficar palido: gramaticalização e valores aspectuais", *Estudos da Linguística Portuguesa*, 1984

CARVALHO, José G. Herculano. Temps et Aspect: Problemes généraux et Leur Incidence En Portugais, Français et Russe", *Estudos Linguísticos: 3º vol.* Coimbra: Coimbra Ed<sup>a</sup> Ltd, 1984

Comrie, B.. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985

Cuesta, P. V. e Luz, M. Mendes da. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70, 1971

Dubois, J., Giacomo M., Guespin, L., Marcellesi, Jean-Baptiste, Mevel, Jean-Pierre.

*Dictionnaire de Linguistique*. Paris: Librairie Larousse, 1973

Ducrot, O. e Todorov, T. *Dicionário das Ciências da Linguagem*. Lisboa: D. Quixote, 1982

DUCROT, Oswald, *Enciclopédia Einandi vol. 2: Linguagem-Enunciação*. Vila da Maia:

Imprensa Nacional e casa da Moeda, 1984

Ellis, R. "Interlanguage Variability in Narrative Discourse", *SSLA 9,1-20*. Cambridge University Press, 1978

FERREIRA, Paulo Martins. "Algumas considerações sobre o conjuntivo nas línguas românicas",

*Estudos de Linguística Portuguesa*, organizado por José G. Herculano Carvalho e Jurgen

Schmidt-Radefeldt, Coimbra: Coimbra Ed<sup>a</sup>, 1984

Hocutt, M.. *The Elements of logical Analysis and Inference*. Cambridge: Winthrop Publishers, Inc., 1979

JR. Joaquim Mattoso Camara *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1985

Klein, H.C.. "Algumas Observações sobre a Categorização do Sistema Verbal Português",

*Boletim de Filologia T. XXIII (1964-1973)*, 1973

Koch, Ingedore G.V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez Editora, 1984

LAPA, Rdrigues M. *Estilística da Língua Portuguesa*. 11<sup>a</sup> ed. revista pelo autor, Coimbra:

Coimbra Ed<sup>a</sup>. Ltd, 1984

Lausberg, H.. *Linguística Românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, s.d.

LEITÃO, Maria Teresa "Valores Temporais de alguns défticos de lugar", *Actas do 1º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 1985

Lindqvist, C.. *L'emploi Temporal dans la Completive ou Subjonctif Introduite par un Temps du Passé en Français Contemporain*. Stocholm: UPPSALA, 1979

LOPES, OSCAR. "A noção de definido e a de presente de enunciação" *Actas do 1º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, 1985

Lyons, J.. *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, 1979

MACHUNGO,, Inês Beatriz Fernandes Sintaxe e semântica dos Tempos Verbais no Português falado de Moçambique," *Dissertação de Mestrado em Linguística Descritiva Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa*: Lisboa, 1986

Mateus, M.H. Mira, Brito, A. M., Duarte, I. S. e Faria, I. H.. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Almedina, 1983

Oliverira, Fatima "Algumas considerações acerca do P. Imperfeito", *Actas do 2º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, 1987

Peterson, P.W.. *Changing Times, Changing Tenses*. Washington DC: English Programm Division and Bureau of Education and Cultural Affairs and United States Informatin Agency, 1987

REBELO, Dulce. "A Evolução dos Tempos Verbais na Enunciação Narrativa", *Actas do 3º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, 1987

Richards, J. e Weber, H.. *Longman Dictionary of Applied Linguistics*. Bungay: Editorial Adrian Stenton, 1985

SCOTTI-ROSIN, Michael. "Fórmulas interlocutórias no texto português," *Estudos da Linguística Portuguesa*, 1984

Searle, J.R.. *Os actos de fala*. Coimbra: Livraria Almediana, 1981

Vet, Co. *Temps, aspects et adverbos de temps en français contemporain*. Gêneve: Librairie Droz, 1986

Silva-Corvalan, C.. "Tense and Aspect in Oral Spanish Narrative: Context and Meaning" *Language* Vol. 59 nº 4 (1983)

TLASKAL, Jaromir. "Observações sobre os tempos e modos em português", *Estudos da Linguística Portuguesa*, organizado por José G. Herculano Carvalho e Jurgen Schmidt-Radefeldt, Coimbra: Coimbra Edª, 1984

Victoria, Fromkin e Rodman, R.. *An Introduction to Language*. New York: Holt, Rinchart and Winston, Inc. 1974

Weinrich, H.. *Temps*. Paris: Editoons Du Seuil, 1973

Wilkinson, A.. "The Organisation of Narrative by 7-13-year-olds", *The Quality of Writing*. Milton Keynes: Open University Press, 1986

WOLF, Dictrich. "As perifrases Verbais de "modalidade" em português", *Estudos de Linguística Portuguesa*, organizada por José G. Herculano e Jurgen Schmidt-Radefeldt, Coimbra: Coimbra Edª, 1984



**ANEXOS**

## ANEXOS

## CIN

.....

Num certo dia em 1988 no mês de Novembro, a população de Chirruala foi doada produtos para o seu consumo e catanas e os professores daquela zona de Chirruala estiveram presentes e esperavam de receber qualquer coisa também e antes do início da distribuição a estrutura do Partido e do Governo distrital disse para não terem acesso os professores aos donativos de Calamidades Naturais porque recebem dinheiro.

No dia 23/01/89 por ver que passava muito mal de fome em minha casa tinha que ir à D.D. E.V. para ver-se me passava um documento que me dirigisse ao Gabinete de Calamidade para pedir alguns produtos que houvesse.

A direcção passou-me e fui ao Gabinete com um colega (professor) que também passava mal na sua casa, entregamos o documento, para ser despachado e fomos investigados por director a razão de pedirmos comida, enquanto eles mandam produtos de Calamidades nos Centros dos deslocados, esquecendo que no outro dia proibiram-nos receber canecas de milho com a população das nossas zonas afectadas do inimigo.

Mais tarde o director de Calamidades mandou uma rapariga para nos dar 1 saco de 50 kgs e a rapariga passou-nos um bilhete para armazém para recebermos 25 kgs só e só para 2 professores que para conseguir dar aulas primeiro devem se abastecer.

## C2N

.....

Foi precisamente no dia 24 de Dezembro de 1988, que o meu director da escola trouxe-me o meu vencimento descontado. Passei saber dele informou-me que o meu vencimento foi descontado porque o Secretário Distrital da O.N.P. decretou que todos os professores fossem descontados porque são membros!

**C3N**

---

Depois do preenchimento das fichas de reintegração para as carreiras profissionais, fiquei nomeado a professor "E".

E, todos os quadros nomeados tiveram o direito de diferenças salariais o que não aconteceu para comigo. Aliás o mais lamentável, é que colegas do mesmo curso foram nomeados à professor "D".

Dada esta irregularidade, fiz uma exposição ao Ministro da Educação para ver se podia fazer-me a revisão da minha indevida nomeação. O tal documento entrou a DDEC no dia 15 de Maio de 1988. E das consultas por me feitas ao chefe distrital dos Recursos humanos, este, sempre limitava-se em dizer "a preocupação está nas mãos da brigada Nacional dos Recursos humanos que esteve cá em missão de serviço".

O mais triste, só depois de sete meses de espera, chega-me a informação de ter que repetir a Exposição por a anterior estava errada.

**C4N**

---

Várias vezes entrei em contacto com as direcções que eu achava serem capazes de resolver ou pelo menos dar esclarecimento sobre "professores mal nomeados" de que sou alvo. Mas as respostas foram e continuam a ser um silêncio eterno. De notar que fiz dois documentos com o mesmo conteúdo de reclamação de nomeação.

**C5N**

---

Foi precisamente no dia 05/08/88 que nós professores estagiários vindos do Centro de Formação dos Professores de Momola-Nampula, um centro que dista a 20 Km da cidade de Nampula, começamos com o estágio nas escolas primárias situadas nesta cidade. Quando chegamos nesta cidade fomos acomodados num



lar que dista a 1 km aproximadamente da cidade de Nampula denominado por LAR EM TRÂNSITO (Piloto).

Desde o princípio do nosso trabalho enfrentávamos inúmeras dificuldades tais como:

- Falta de comida, material escolar e didático que tanto dificultava o processo de planificação e leccionação das aulas, o soalho era a nossa cama e eramos exigidos fora das condições concretas.

Quando recebessemos produtos alimentares o seu consumo era tão deficiente visto que os instrutores acompanhantes nomeadamente Hermínio Munhelene e Amisse Cololo não sabiam como distribuir os produtos eram os melhores desviadores. Expomos esta preocupação às estruturas competentes da D.P.E.C. e o caso foi resolvido e foram instruídos de como poderiam distribuir os produtos. O que aconteceu! Quando recebemos 4 sacos de farinha de milho e 3 sacos de açúcar foi quando o instrutor Hermínio Munhelene arrancou as chaves da despensa ao nosso colega que se responsabilizava pela despensa sem nenhuma razão.

Como eramos poucos utilizávamos 18 kg de farinha de milho para cada refeição, 9 kg de açúcar para o pequeno almoço, que depois de seis dias chegou aos nossos ouvidos um ultimato que dizia: "aqueles dois sacos de açúcar acabaram." E ficamos interrogados; onde foi o açúcar! nenhum deles que sabia explicar claramente.

Não só o mais agravante e doloroso, quando recebemos outros produtos no dia 7/08/88 tais como: 16 caixas de conservas de peixe, 10l de óleo da cozinha e 2 sacos de leite em pó, no dia seguinte pelas 7.00 horas os tais instrutores chegaram no lar e disseram: a partir de hoje têm que sair para gozarem férias de dois dias. Entretanto, em nosso lado ninguém votava a favor daquela decisão porque passavam alguns dias sem comida e nunca houve uma decisão idêntica, pelo contrário mandavam os chefes para marcarem faltas de noite para quem chegasse tarde no lar.

O pior de tudo diziam "todos para às férias independentemente de ter

familiares ou não que arrisque. Já vamos encerrar as portas todos irritados; nós ficamos tão admirados sem saber a que propósito daquelas férias tão bruscas... Assim, eles fizeram e foram se embora. Onde ir? Em casa é longe as férias são de dois dias. Isto é o que surgiu no psíquico de cada um de nós. Ficamos a debater a questão dentro do colectivo dos estagiários, pelas 11.00 horas do mesmo dia saiu um dos colegas em nome de todos para a casa do instrutor que levava chaves para lhe fazer ver a questão. Pediu favores ao instrutor para que retificasse a decisão em resposta o instrutor disse só pode ser possível depois de me comprar uma garrafa de tcholi (vinho macua) o que para nós não é conveniente.

Depois de tanta discussão apareceu no lar numa hora imprópria que não foi possível fazer-se o almoço a tempo e hora tendo em conta o jantar. E na mesma ocasião, vinham consigo dois milicianos e um civil cujo o regresso deles criou-nos uma estranheça a nossa vista porque cada um deles carregava 8 latas de conservas de peixe injustamente.

Nós ficamos admirados: afinal aquela brusca decisão para as férias era para desviarem melhor os produtos existentes? Afinal de contas os produtos é para espanjamento ou professores estagiários? E quando reclamássemos perante a eles era ponto de partida para nos ofender.

#### C6N

.....  
 ... fui assinante assíduo da Revista Tempo de Janeiro de 1977 até 31/01/88, data em que devido à subida do custo de vida fui forçado a deixar de o fazer para dar prioridade às várias questões familiares.  
 .....

Tenho contribuído em escrever cartas e endereçá-las a R.T., enriquecendo deste modo a nossa revista, mas fiquei um pouco desinteressado pelo facto da não publicação de algumas cartas minhas, por mim julgadas necessárias.  
 .....

... abri uma conta a prazo sob o nº 64/1343/2006/B, em 23/4/85 cujo valor era de 30.000.00MT. Findo o prazo combinado dirigi-me àquela Agência para levantar o dinheiro e o respectivo valor de juro.

Qual foi a resposta que obtive?!

A senhora dona Aissa, de sobrancelhas muito amiudadas, unhas e lábios pintados a vermelho, cabelo meio acastanhado e de brincos que prolongam até aos ombros a partir da orelha, respondeu-me que as folhas para aquisição dos juros ainda não estavam prontos, pelo que oportunamente devia passar por aquela Agência para o seu levantamento. Fui por três vezes e em meses seguidos mas infelizmente a resposta que me dava era venha no próximo mês ou na próxima semana.

Feitas as contas verifiquei que estava a gastar mais dinheiro em transporte do que o valor dos juros pretendidos e acabei por desistir e ela beneficiou-se do meu dinheiro.

No mesmo ano e na mesma data abri uma conta à ordem sob o nº 66/0820/22085 e fiquei como cliente do BPD da Maxixe e vinha efectuando movimentos na Delegação de Homoíne.

No início tudo correu bem. Entendíamo-nos com Deus com os Anjos.

Em Maio de 1988 a minha caderneta de Poupança esgotou os espaços destinados a feitura dos movimentos do dinheiro. Quando me apresentei na Delegação de Homoíne para efectuar algum movimento, informaram-me em como devia ir para a Agência sita na Maxixe, isto porque as Delegações só têm cadernetas para quem quiser abrir uma conta nova, enquanto que os velhos clientes são atendidos na Agência p/caderneta 2ª via.

Dirigi-me aquela Agência e logo obtive uma nova caderneta e, radiante voltei para casa.

No dia 15/08/88 veio uma notificação da Delegação de Homoíne a solicitar a entrega urgente da caderneta para o seu posterior envio a Agência porque queriam consultar qualquer coisa que só eles é que sabem. Levei a caderneta e a senhora Felizarda disse-me que quando muito só pode ir demorar duas semanas.

## O SURGIMENTO DA CONFUSÃO

Passados dois meses, fui a Delegação exigir que me devolvam a caderneta para eu momentar o meu dinheiro porque tenho um assunto que me aperta. A senhora diz-me que a caderneta ainda não viera e já mandei muitas outras a pedido deles. Contactei-os telefonicamente não me dão solução satisfatória. Tentou telefonar na minha presença, mas a resposta foi nula. A dona Felizarda aconselhou-me a ir até a Agência falar verbalmente com o Elias Armando e logo no dia seguinte fui. O tal senhor disse que naquela altura estava muito ocupado e que seria bom voltar no dia seguinte ou caso tiver um familiar podia delegá-lo para fazer o seu levantamento. Tudo combinado tenho o meu primo Elias Jambolane que trabalha na DDEC desta cidade virá levantá-la. O Jombolane cansou-se de ir até diariamente e desistiu.

Fui duas vezes em Novembro, mas os resultados foram nulos. Fui mais duas vezes em Dezembro, mas também não houve sucessos. Em Janeiro do ano corrente fui forçado a utilizar um bom dinheiro no envio dos meus filhos a Maputo para prosseguir com os seus estudos.

Incansável e furioso dirigi-me à Agência da Maxixe no dia 12/01/89. O senhor Elias Armando, jovem alto, claro e ligeiramente magrinho, de cara esponjosa e olhos avermelhados, olhos inchados totalmente consumido pelo álcool, não tardou em dizer-me que devia chegar cedo no dia seguinte e que ele de momento iria batalhar no sentido de localizar a caderneta e a ficha porque ambos documentos nem sabia onde os tivesse colocado.

Eu fi-lo ver que já não se tratava de meras brincadeiras porque eu estava a queimar dinheiro em transportes. Já havia feito 8 viagens pelo mesmo assunto e cada viagem vale 1.000.00MT. Além do dinheiro que se gasta estou a criar problemas de faltas ao serviço e arriscar a vida por estar sempre na rua neste tempo de guerra.

Quando viu que eu estava determinado disse-me para que desse voltas e aparecesse logo às 14 horas. Pacientemente, a todo o custo, aguentei com este

novo pedido. Catorze horas em ponto, ele também muito preocupado foi o primeiro a chegar ao portão e de corpo meio virado para dentro viu-me a chegar e logo apressou-se em dizer que eu devia arranjar um lugar para hospedar e que no dia seguinte se resolveria o problema a todo o custo.

Todo irritado, num tom decidido eu disse logo

- Ô senhor Elias, se vires que o problema ultrapassa a tua capacidade é bom que me dirijas a outras estruturas. E ele disse que sim, mas penso que amanhã não falho.

Outra vez enchi-me de coragem, andei a procura de lugar para dormir e alguma coisa para comer.

Sete horas e trinta minutos do dia seguinte, 14/01/89 já estava eu no balcão do BPD daquela Agência. Todos preocupados pelo problema ninguém fez outro trabalho senão espalhar todas as fichas existentes nas caixas e respectivas cadernetas apreendidas.

Esforço vão. Nem a caderneta, nem a ficha conseguiram localizá-los.

Onze horas em ponto, todos cansados de tanto procurar, mas o problema continua duro.

O surgimento da segunda confusão que me põe os pés no ar...

A dita subgerente do BPD, dona Aissa, acusado pela recolha de cadernetas e perda de fichas, Elias Armando, exibindo o seu fato safaris azuis e ela trajada de bata branca, sempre a mastigar chiungas em pleno tempo de trabalho, chamam-me em parte e dizem. Olha, não apanhamos a tua caderneta nem a ficha. Mas quem mandou a caderneta para cá? E para quê?

Faltou-me vontade para responder tais perguntas, limitei-me a olhá-los serenamente. Prosseguindo dona Aissa disse: onde estão os duplicados que recebeste da Delegação para comprovar que realmente meteu algum dinheiro no Banco? Mais uma vez olhei-a serenamente e depois de uns instantes disse: Minha senhora, tenho cinquenta anos de vida. Metade dos cabelos da minha cabeça são brancos mas nunca tive problemas que merecessem repreensão. Achas que posso fazer 8 viagens que gastaram 8.000,MT não contando com

almoços e matabichos que tenho feito cá, só para vir ameaçar o banco para roubar dinheiro? Saibas falar, senão caias já com bofetada. Eu vim cá muitas vezes, mas nem uma sequer disseram que queriam duplicados senão teria trazido tudo.

Assim voltei para casa muito aborrecido para ir procurar os duplicados. Porém antes de ir para lá resolvi enviar esta carta à Revista Tempo....

#### C7N

---

No mesmo ano 1976 fui participar o Curso Nacional de Psicologia Infantil na Província de Nampula que durou 30 dias. Dai colocado como Reponsável Distrital de Zumbo-Tete do Ensino Primário no distrito de Zumbo-Tete, e em 1978, fui participante do mesmo Curso na Província de Sofala-Beira com a mesma duração de tempo. Nesta ocupação, apenas trabalhei durante 3 anos 1977/79.

Em 1980, fui indicado para participar num Curso de Formação para os responsáveis distritais de Planificação e Estatística de Educação, realizado em Namaacha-Maputo. De igual modo, em 1987 também fui participante do Seminário de Formação em Estatística da Educação em Maputo cidade. Em todos estes cursos fui sempre apto, nenhum destes cursos fiquei inapto.

Ora no processo das Carreiras Profissionais fui nomeado na categoria de "Escriturário-Dactilógrafo de 2ª".

No dia 25 de Fevereiro/88 reclamei por escrito e o documento foi enviado ao Maputo.

#### C8N

---

Em 1983, fui submetido ao Curso de Formação de professores 6ª+3 anos. Formação de homens capazes de responder cabalmente no processo de Ensino/aprendizagem, da 1ª a 5ª classe, frente do N.S.E., conforme os objectivos daquele

curso. No decorrer do curso houve uma informação acompanhante: "todo aquele graduado naquele curso tem na mão 9ª classe de equivalência," bem, gratos.

Passado algum tempo surge outra informação contrária: "todo aquele concorrente de 3 anos, tem o nível de 8ª classe". Isto porque no terceiro ano, há maior concentração de metodologias das disciplinas. Felizmente para aqueles afectos nas cidades tiveram oportunidade de continuar na 9ª classe.

Um pouco depois "germinam" mais outros dizeres desestabilizadores e desanimadores para quem é alvo: "todo o professor formado em 3 anos e que queira aumentar a sua bagagem científica, deve se matricular na 7ª classe.

#### C9N

.....

A um professor foi movido um processo disciplinar do qual resultou a aplicação sobre o arguido de pena de demissão. Até aqui tudo legal.

.....

.... a direcção provincial de educação de Cabo Delgado fez vista grossa a este artigo executando a pena sobre o arguido mesmo com a apresentação do recurso dentro dos prazos fixados por lei.

O professor confessa que não tinha conhecimento deste artigo, porquanto em Cabo Delgado o E.G.F.P. é um documento meramente jurídico de que o professor tem conhecimento apenas no acto de ser processado. E mesmo aí o indivíduo só tem direito aos artigos apontados pelo Instrutor do processo.

Aos artigos que defendem o funcionário o professor não tem direito. Foi preciso deslocar-se a Maputo para o referido professor tomar conhecimento da existência de um artigo que suspende a pena em caso de interposição de recurso.

Até ao dia 14 de Abril os trabalhadores docentes e não docentes do C.F.P.P. de Balama ainda não tinham auferido os seus ordenados relativos aos meses de Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março. A justificação para tal procedimento não deixa de ser originalissimo e só pode constituir surpresa par quem nunca esteve

em Cabo Delgado: "o fundo de vencimentos esgotou". Entretanto para os funcionários da DPEC os vencimentos estão todos em dia.

#### C10N

---

A revista nº 965 de 9-4-89 continha uma extensa carta do Sr. professor Alberto Salomão Bimbe do martirizado distrito de Homóine.

#### C11N

---

No ano passado os professores da ZIP do 1º de Maio Hókwe, não receberam o vencimento de Julho. No mesmo ano, veio uma equipa de DDEC missão de serviço na ZIP.

Os participantes ao encontro, colocaram perguntas sobre o paradeiro do Julho.

Na altura, o responsável Distrital da Administração e Finanças, deu a conhecer a todo o professorado da ZIP que o título do mês em causa foi desviado na DPEC de Gaza. Ainda adiantou afirmar que a DPEC promete recuperar pelo orçamento de 1989.

#### C12N

---

Depois de ter ficado 2 anos em regime de refugiado, pensei voltar ao meu país e província. Para continuar a trabalhar como professor.

12 de Setembro do ano de 1988 foi a data da nossa apresentação na DPE-Sofala.

Depois da saudação matinal, seguiu-se informação em como devíamos ir a Célula do Partido da respectiva direcção, para posteriormente irmos a Direcção de Segurança, para sermos ouvidos. Cumprimos, quase até o fim do mês, já estávamos concluído com os trabalhos.

Erámos 12 professores, 10 de Distrito de Chemba e dois de Caia.

Ainda fomos informados que teríamos uma reunião com o Sr. Director



Provincial. Na data marcada, aparecemos e realizou-se o encontro mas que no último os participantes não gostaram do falado.

A nossa esperança era ouvirmos que:

Pagar estes professores os meses em falta. Pois, eu e meus colegas, principalmente os que saíram comigo até Malawi, temos 7 meses em falta para recebermos do ano de 1986, que compreende os meses de Junho até Dezembro.

Lembro-me que o Sr. Director durante o encontro teria dito que, faria tudo para que a Dona Ofélia, viesse resolver a nossa questão, e continuou.

Não só o dinheiro dos professores que no cofre se encontra retido.

Nós regressámos às casas impacientes.

... os professores que vieram de Malawi, receberam de todo ano. Para além disto, tiveram um bom acolhimento por parte da Direcção de Educação.

Comida, roupas, utensílios de cozinha, etc.

Quando foi a nossa vez tudo ao contrário.

Ainda me lembro quando o senhor Director disse no início "Senhores Professores a vida na cidade da Beira, mudou".

Nós concretizamos logo quando fazíamos o vai e vem para a segurança. Tínhamos que contar com os nossos bolsos desde 12 de Setembro até 5 de Janeiro de 1989, quanto tivemos os vencimentos de Outubro, Novembro e Dezembro.

### C13N

.....

Trata-se da situação tão lamentável dos professores deslocados que estão em Nampula oriundos do Gilé em particular nós que nos encontramos em Marrere como bolseiros. A vida é crítica manifestada por várias guerras: A 1ª pelos B'as que nos levou a abandonar a nossa zona e a 2ª é dramatizada por responsáveis ligados ao assunto dos vencimentos de Quelimane à Nampula.

Há bastante tempo que pedi informações quer de carácter individual como colectivo sobre a situação de demora de vencimentos de Quelimane à Nampula, por intermédio da DDEC-gilé, cuja solução é impossível.

Este facto tornou-se sentimental quando dizia-se que os vencimentos sairiam de Quelimane à Gilé e de lá até Nampula, porque era uma via rápida; o que na realidade não aconteceu.

Ouvi no dia 22/09/89 que havia chegado no Gilé um responsável trazendo vencimentos dos professores. A notícia estimulava um pouco porque além das preocupações anteriores já estava preste o 25 de Setembro, dia da grande festa das FAM (FPLM). Mas infelizmente não trazia vencimentos dos que se encontram em Nampula. O pior é que dos mesmos vencimentos recebo o troco que sai depois de muito sofrido desconto de bolsa de estudos e outras particularidades.

.....

(...) Não tenho alimentação, roupa. Acabei de trocar com produtos em Nampula, utensílios domésticos é que não falo. Estamos no tempo do PRE, a vida na cidade é diferente com a do Distrito, sou descontado e demoro receber e frequento o curso de 6ª classe +3 anos e a minha vocação é de ser professor.

#### C14N

.....

Depois da ocupação inimiga do distrito do Gilé-Zambézia em 1986, mais de metade de Professores daquele Distrito deslocaram-se à Província de Nampula por motivos de segurança.

Depois de muitas operações militares em 1988 do Distrito acima citado recuperou-se do inimigo razão que obrigou o regresso de alguns Professores do Gilé em Março de 1989 ficando apenas nesta cidade 52 professores dos quais 11 frequentam o curso de Professores e outros leccionam nos Centros de Acomodação dos Deslocados de guerra até à ordem contrária.

O que me levou a escrever à Revista Tempo é a seguinte:

Em Agosto de 1989 chegou nesta Província um donativo que se destinava aos professores Deslocados de guerra albergados nesta cidade.

Infelizmente este donativo foi distribuído pelos receptores (O.N.P) de Nampula em nome de Deslocados, o verdadeiro deslocado ficou sem nenhum artigo. Esta

situação deixou uma imagem triste aos Professores Deslocados. A encomenda após a sua recepção foi distribuída confidencialmente.

#### C15N

---

... em 1987 uma das escolas do nosso Distrito foram invadidas pelos bandidos armados são: Novela e Guitsuine, mediante esta situação, a Direcção Distrital de educação, pediu-nos para que fizéssemos contribuição afim de apoiar os professores vítimas assim procederam os seus descontos, 300,00MT por cada Professor do Distrito, mas esse desconto foi para os professores do nível primário (E.P.1), isto é os professores do EP2 não foram descontados. Porquê?... o mesmo dinheiro não foi enviado para os afectados porque viram que o número dos professores no mesmo Distrito já cada vez elevava-se.

Pedimos que nos esclarecessem sobre o assunto até aqui não nos dão solução, mas o dinheiro foi descontado. Como recorência expomos o caso à ONP também não dá solução.

---

O Secretariado Distrital da ONP em 1988, dia 24 de Dezembro sob a orientação da secretário Distrital decretou que devíamos ser descontados 1890,00MT a nível de todos os professores Primários, porque são membros desta organização ainda no mês de férias.

#### C16N

---

É certo que comecei a trabalhar com a 4ª classe graças a Frelimo que quando em 1986 fui a CFAT-Marara-Tete onde conclui a 6ª. Após isso tratei todos os documentos para vencer segundo os meus conhecimentos mas não estou a ter esse direito que os outros já tem.

## C17N

.....

A partir do mesmo ano (1982) até o presente ano (1987), encontro-me a leccionar no campo, concretamente nas Aldeias comunais tais como Aldeia de Marrocane na localidade Namaponda e aldeia Napruma na localidade do mesmo nome portanto Napruma. As distâncias variam de 65 a 70 km da sede do Distrito, a primeira Aldeia onde leccionei isto é Marrocane e Magovola, a segunda aldeia Napruma faz limite com os distritos de Magovola e Moma respectivamente.

Anualmente faço pedidos tais como pessoas ou por requerimentos para uma transferência à sede do Distrito, com o objectivo de continuar os estudos no curso nocturno, as respostas sempre são prejudiciais porque sempre dizem que não há lugar, vamos dar prioridade os professores com 4ª classe, vocês tem 6ª classe e uma formação adequada. Mas, se formos na realidade estas respostas são inventárias e deformativas para uma pessoa intelectual que sempre precisa de aprender para melhor transmitir os seus conhecimentos, porque vamos encontrar alguns professore primários que concluíram o curso nocturno deste distrito isto é fizeram a 9ª classe mas ainda permanecem na cidade outros não estudam, outros são transferidos para o campo e rejeitam redondamente. Mas tarde a Direcção da Escola atribui a turma e a Direcção Distrital pela sua vez confirma.

## C18N

.....

Comecei a trabalhar na era do senhor Chefe da secção das finanças Arão Arrone Matsinhe.

Ao menos este senhor sabia fingir e tentava camuflar as vergonhas, considerando o professor, isto é, tinha boas relações. O problema deste, era demasiado dominado pelo vício de embriaguês, esquecendo-se que presta um serviço a benefício da maioria. Olhava em primeiro plano o que era de agrado

peçoal. Deslocando-se ele à Maxixe com objectivo de ir trazer títulos ou dinheiro, a sura desviava-lhe da rota, o-encontravamos por aí ainda a desafiar com a sura. Saindo vencido na sura, não era direito a Vilankulo, parava em Mapinhane, depois descia a Muriane para engolir mais um pouco o potável produto da cana ou de massala.

Exagerou a provocação, ultrapassando os limites até que foi provocar qualquer coisa de queda económica na DPE, e assim o afastaram das regalias:

Substituiu o senhor Jorge André Vilankulo. Este é um autêntico malfeitor. É um desumano clássico. Em nenhum dos pontos foi útil. Nem sabia se enganar praticar ou falar o bem num professor, até orgulhava-se por ser mau. As Histórias do funcionamento deste senhor só foram deles e de seu sucessor dele. Foi com este senhor que começámos a conhecer atrasos de 3 meses ou 5 para depois só recebermos 1 mês. Na era do senhor Jorge começou o sistema de título ser pago em 2 ou 3 vagas, isto é, desta vez recebe um certo número de professores doutra vez a segunda metade mas já não no mesmo título. O professor que trabalhava longe aparecendo uma semana depois do dia que começou a pagar não encontrava o dinheiro, tinha que esperar a próxima vez. Era uma série de jogos que a olho nú se concluía que tratava-se de uma autêntica robalheira. Mas não devia dizer nada, se não és sujeito de colocações em zonas difíceis, senão é alvo daquilo que eles consideram punição, SMO ou curso ideológico na escola provincial do Partido, e que se fosse isso só, não temeríamos tanto pois que além de punição como eles interpretam, é um dever cumprir o SMO e no fundo, mesmo na escola Provincial do Partido não há castigos segundo eles imaginam. A pior dor é de ter que suportar ou de todas as desculpas das robalheiras recaírem sempre para o nome que se pronunciar sobre ele mau funcionamento dos nossos chefes.

Hoje está na cadeira financeira o senhor Inácio. Só mudou os métodos, mas o conteúdo sai o mesmo e para com este doi-nos tanto atendendo o tempo em que atravessamos do PRE e da situação Política porque quase todos nós estamos refugiados na sede do distrito ou noutros centros onde somos garantidos

segurança. Porque o comércio está fraco, ao longo do ano só pode conseguir abastecer 5 ou 6 vezes, quantidades insignificantes de milho, açúcar e arroz, que nunca chegaram para aguentar 7 dias da semana. Não temos acesso da distribuição gratuita de calamidade ou doutras organizações porque temos o título de que somos remunerados no fim do mês. Só nos "dumba nengue" é que vamos viver. Enfim...

Vivemos vários problemas de professores que por terem esposas fracas ficam sem elas porque o marido não lhe veste suficientemente, a ela e aos filhinhos, palhota é das mais rudes, passa a vida a pedir ou nem tem onde pedir, passando assim dias sem usar as panelas nem pratos. É frequente ver os filhos dos professores nas portas dos armazéns e na ponte carregarem ou ao descarregarem os camiões. Assim essas mulheres preferem abandonar um professor para ir se juntar com um estivador porque ao menos vai ter de comer e de vestir ou junta-se a um desempregado porque pelo menos quando houver distribuição da calamidade será contemplada.

Estou muito certo de que o clamor dos professores deste distrito chegou até a mais alta estrutura provincial que responde por este sector através do director Provincial quando nos anos 84 e 85 cá visitou, recentemente, no mês de Abril do corrente ano, demos este grito diante o secretário Provincial da ONP. Ele assim como a todos que por aqui têm passado limitam-se a ouvir a a carregarem-nos de esperança dizendo que as coisas mudariam, mas nunca.

## C19N

---

Nós somos Professores desta Província que exercíamos as nossas funções docentes nos distritos longíquos como Caia, Maringue e Chemba. Sofremos os mais atrozes e bárbaros ataques e perseguição dos bandidos armados, pilhagem de todos os nossos bens e morte de alguns dos nossos familiares, amigos e colegas. Tivemos que refugiar para Chimuará, Mutarara e Vila Nova na fronteira. Nesses lugares ensinávamos às crianças, mostrando assim o nosso patriotismo

e erradicação do analfabetismo. Ultimamente (porque não havia outra hipótese) fomos forçados a entrar no Malawi. Lá, logo enviamos a nossa relação à DPEC de Sofala, pedindo a nossa repatriação. Isso o fizemos três vezes, também ao Secretariado Provincial da ONP, sem resposta. Mas os trabalhadores dos C.F.M., foram logo evacuados para Moatize pelos seus serviços em Fevereiro do ano passado (1987). Quando notámos a incapacidade da dita DPEC, cada um de nós procurou meios individuais e assim chegámos na Beira. Apresentamos na nossa Direcção Provincial e procurámos saber dos vencimentos (metade de 1986 e todo 1987). Quão espanto não tivemos!!... Uns receberam e mobilizados para não falarem tal coisa aos outros que não tiveram essa sorte. Dizem agora que o dinheiro acabou; ora estávamos a comer do donativo; devíamos ser presos pelo governo malawiano porque violámos a fronteira, ora há lei que nos impede desse direito...

Segundo informações que colhemos, na Zambézia e Tete (porque estivemos juntos como deslocados) não existem estas asneiras. Os professores e outros funcionários quando chegam, auferem os seus vencimentos (porque não são culpados). Aqui na Beira, os trabalhadores doutros Ministérios e empresas (Ceta, por ex.) que chegaram depois e que chegam neste momento e que estiveram connosco, receberam os seus vencimentos sem qualquer tom impeditivo desumano como acontece com a gente da Educação em Sofala.

Fizemos duas exposições e colocamos o assunto ao Secretariado do ONP, sem contudo tenhamos resposta.

## C20N

---

Foi precisamente no dia 4 de Agosto de 1989 que partiu uma brigada deste Centro (CFPP de Murrupula) composta por 68 finalistas do 3º ano de curso, para uma outra instituição de acomodação, já dentro da cidade, em missão de estágio. A brigada foi dividida em 4 sub-brigadas acompanhadas por um instrutor cada. A primeira sub-brigada tinha sido acompanhada pelo instrutor de Matemática

e sua Metodologia, o senhor António Joaquim Nensa e foi a sub-brigada que finalizou este trabalho com certos problemas onde ele sempre dizia:

“Se não me aproximam não passam de classe.”

Mas esta afirmação preocupou-nos muito durante os nossos trabalhos, visto que quando apresentássemos as nossas dúvidas ou dificuldades, ele não nos esclarecia e a resposta dele era “investigue”.

E com base nesta resposta, ficávamos muito pensativos a cerca do tipo de aproximação. Perguntávamos: Senhor instrutor, então que tipo de aproximação refere? Quando apresentámos as nossas dúvidas, não nos esclarece e a sua resposta é “investigue”, agora como aproximar? Descobrimos que afinal a aproximação referida era “cunhas”.

E ficámos muito admirados com aquela descoberta, visto que somos tirados de Distritos muito distantes de cerca de 250 a 300 km desta instituição. E com a situação política que o nosso País encara, somos obrigados a passar férias no próprio Centro, por não haver possibilidades de fazer contactos com a família.

.....

Nós davámos aulas na sua ausência e só vinha para classificá-las, podendo assim dar notas fracas.

C1A

.....

Eu sou um professor do ensino primário do 1º grau efectivo no distrito de Vilankulo, província de Inhambane, actualmente, encontramos-nos como deslocados na sede do distrito com a população da nossa escola.

.....

Agora a maior preocupação que me leva a escrever esta carta à Revista Tempo senhores leitores, é porque se houver quaisquer coisa de apoio às populações deslocadas os professores não são vinculados mas sendo também deslocados.

.....

Claro, recebemos dinheiro mas com atraso exagerados, pelo que nós professores



sofremos muito, porque mesmo tendo dinheiro não há onde podemos expôr preocupações sobre géneros alimentícios. Afinal de contas, se os professores são deslocados não enfrentam dificuldades que a população depara na vida social?

Eu perguntaria à rapariga de nome Teresa Respeito que qual é o ódio que tem com professores porque no Gabinete de Calamidade de Vilankulo os professores são mal vistos menos outros trabalhadores é que são atendidos os seus pedidos ou então os conhecidos.

A terminar diria que se se assim for para sempre este tipo de consideração ao nível do país, por parte dos professores, todos ficarão desmoralizados e correrão ao risco de quererem trabalhar onde houver comida.

Porque na Educação nada se aproveita no serviço, isto é, nenhuma regalia temos além dos vencimentos.

As pessoas criam amizade com professores no tempo de matrículas e nos exames, depois disso mandam passear.

## C2A

.....  
.... este caso (desconto do vencimento) não só interroga a mim... todos lamentamos da mesma acção, porque não somos todos que somos membros. O mesmo desconto só se fez nos professores primários! e os do outro nível porque não? Qual é o trabalho que ele ONP fez até chegar de proceder desta maneira?

Eu professor Cuco, peço esclarecimento do meu vencimento descontado. Será que ONP neste distrito está só para o nível primário? Foi descontado 1890,00MT, preciso de conhecer o bolso que congelou pelo menos alguma coisa... Também não há justiça nada porque os profs. do EP2 não foram descontados.

Ao finalizar peço as estruturas copetentes observar a questão.

## C3A

.....

Sou professor em exercício no Distrito de Nampula-Rapale desde o ano de 1986. O que leva-me a escrever esta carta à Revista Tempo é o seguinte:

.....

Agora pergunto: Com quem pára a minha Exposição? Uma vez que ela está indeferida. Quando é que serei renomeado a professor "D"? Será que receberei as minhas diferenças salariais? Caros leitores, qual deve ser o meu recurso? Porque isto deixa-me mal humorado. De notar que é só este Distrito da Província ainda com problemas deste género.

## C4A

.....

Escrevo à revista "Tempo" como último recurso na procura da solução imediata de um problema que me aflige.

.....

Isto (nomeação errada) aflige-me porque desde o ano de 1988 sofro quebra salarial.

## C5A

.....

Agora perguntamos aos caros leitores:

- Será que este tipo de comportamento é admissível para um responsável nesta sociedade Moçambicana?

- Eles como instrutores o que vão transmitir aos novos professores para trabalharem positivamente com a nova geração? Se eles são os primeiros ladrões, confusos sob o nosso ponto de vista.

- Desta feita podem continuar a responsabilizar o estágio?

Ao finalizarmos esta carta solicitamos às estruturas máximas da Direcção Nacional de Formação de quadros da educação para gratuarem e avaliarem

justamente os instrutores formadores dos novos docentes para que não venham a criar irregularidades nos centros de formação de professores e outros sectores...

#### C6A

.....  
 Desleixo, Incompetência, Roubo e Desordem na Agência do BPD da Maxixe  
 Tal como indica o título da minha carta tenho a dizer...

sou casado e pai de 8 filhos e encontro-me a trabalhar na Escola Primária de Maxavela Distrito de Homoine, com 26 anos de experiência na Educação.

.....  
 Eis as razões pelas quais a presente carta mereceu o título acima indicado: (ver

#### C6N)

.....  
 ... resolvi enviar esta carta à Revista Tempo para que as estruturas ligadas a este ramo tomem medidas adequadas depois de terem ido averiguar a forma de trabalhar dos funcionários do balcão porque merecem uma remodelação especial para evitar o sofrimento dos clientes que isto visa a diminuir o movimento dos clientes ao saber que o dinheiro uma vez metido no BPD custa movimentá-lo.

Imagine o meu dinheiro está lá há já seis meses parado mas não ganha juros, e eu estou a sofrer com as crianças.

Apelo às estruturas de tutela para averiguar bem o caso daquela Agência.

Há falta do controlo dos movimentos nas fichas e estas fichas são arquivadas de qualquer maneira.

#### C7A

.....  
 O que me leva a escrever esta carta à revista "Tempo" é porque tenho umas preocupações sobre as carreiras Profissionais.

Eu sou profissionalmente Professor do 2º grau 6ª+1 formado no ano de 1976 em Zóbuè-Tete.

.....

Meus caros leitores, ajudem-me a reflectir se esta categoria (escriturário-dactilógrafo) a qual me atribuíram corresponde com os conhecimentos adquiridos durante os cursos acima indicados? (ver C6N). Faz algum relacionamento com a minha formação profissional? Vejam só, até hoje não faço o trabalho de um Escriturário-Dactilógrafo, porque não tenho formação de um Escriturário-Dactilógrafo; apenas realizo o trabalho de compilação e análise de dados Estatísticos da Educação no Depto Provincial de Planificação e Estatística, mas auferindo na categoria de Escriturário-Dactilógrafo. Para mim é um prejuízo muito grande e para o Estado é um benefício e trabalho 48 horas por semana em relação ao professor ... o que me admira já passam 14 meses e meio sem ter nenhuma resposta sobre a minha reclamação. E neste momento estou muito "Desmoralizado" trabalho porque necessito dum pão.

É essa ajuda que preciso, meus caros leitores.

#### C8A

.....

Sou jovem moçambicano de 23 anos de idade, natural de Nampula, portador do B.I. nº 1095013, professor do 1º grau para o ensino primário, afecto em Monapo-Nampula.

Não seria do meu gosto ter que bloquear a tranquilidade dos leitores; porém, sou obrigado a fazê-lo de acordo com o meu sentimento.

.....

Agora eu pergunto: qual é assência desta confusão? Concretamente qual é o significado daquele curso? Quem me ajuda a definir as minhas habilitações literárias? Ou ainda sou arredondado para 4ª classe?

Caros leitores, como retomar a vontade de trabalho? Desta forma é desmoralizar ou é ganhar os quadros?

Por outro lado quero me referir do ódio que circunda pelo menos aqui em Nampula onde tenho matéria apalpável. Este ódio regista-se em certos colegas

do serviço, mas com o nível de formação diferente; não só, como também em alguns técnicos das Direcções Distritais de Educação e Cultura (DDEC). Talvez porque há desequilíbrio financeiro. De novo pergunto: nisto quem tem culpa? Significa que essas pessoas estão a conquistar igualdade absoluta? Qual é o lugar de igualdade absoluta?

As coisas estão muito claras: "cada um segundo as suas capacidades" e "a cada um segundo o rendimento do seu trabalho".

Ao terminar, peço a estrutura competente para que me satisfaça segundo o teor deste meu lamentável texto.

### C9A

Muito grato estaria ao Exmo Sr. Chefe da Redacção se permitisse a publicação da seguinte denúncia sob o título:

"Ignorância ou má fé?"

De acordo com o disposto no artigo 208 do E.G.F.P. o professor tem o direito de apresentar um recurso a estrutura superior àquela que puniu no prazo de 10 dias. E mais: Nos termos do artigo 210º do Regulamento citado, a apresentação de recurso dentro dos limites estabelecidos por lei, implica a suspensão da execução da pena aplicada.

Aqui é que está a questão: ou por ignorância da legislação vigente, ou por má fé premeditada, ou por qualquer outra razão que escapa às minhas conjunturas,...

A pergunta do título é ainda pertinente: A DPEC de Cabo Delgado agiu por ignorância ou trata-se de mais uma arbitrariedade?

Por falar de arbitrariedade prepare-se o leitor para apreciar mais uma: (ver C9N).

É caso para perguntar: qual é a seriedade que está a ser imprimida nos trabalhos, numa altura em que caminhamos para a celebração de 14 anos de Independência e V Congresso do Partido?

C10A

Cartas dos leitores é uma das bem destacadas secções da "Tempo" e dos jornais que relatam diversas ocorrências pelo país fora.

.....

É deveras doloroso o caso narrado, a contar pela idade de cinco décadas vividas por ele, valera sobretudo, a ponderação e o auto-domínio de nervos senão já teria esquartejado um dos banqueiros sem contudo, usufruir algum abono por isso, o que é muito bom mas francamente!...

O BPD na Maxixe está fazendo um "Cambalacho" à sua maneira, está denegrindo a nossa banca, a Sr<sup>a</sup> Aissa, a tal de brincos longos e mais alguma coisa de unhas e lábios avermelhados, sim senhor a estética e beleza feminina em evidência, mas só isto não basta, para a ética profissional, tratar-se-á de pura coincidência ou azar do mesmo depositante? Tanto a primeira conta bem como a segunda tramam o mesmo cidadão injustamente. Curioso senhores! a subgerente e o senhor E. Armando o tal de olhos inchados e avermelhados totalmente consumido pela "sura", coitado do homenzinho!... ambos, portanto, a dupla está fazendo vida cara ao pobre Dimbe e outros, o vaivém ou a lenga-lenga que movem contra aquele educador qual é o objectivo afinal?

Estão fazendo tempo para que algum dia caia numa emboscada do inimigo e daí julgam: morre o bicho acabou-se a peçonha? enganam-se, olhem que ele tem oito filhos e contra vós moverão um pé-de-vento, aliás já o pai começou e alinhome nele para remexermos o céu e a terra para que lhe devolvam o que é dele "o seu a seu dono" não sabem?

Suponho que o meu infeliz "pai" (em consideração à sua idade), já gastou um considerável montante em viagens, alojamento e em refeições forçadas, muito superior ao devido pelo BPD da Maxixe, e agora quem assumirá o reembolso desses gastos desnecessários?

Estou ciente que a chefia do BPD intervirá sem complacência pois o que está em causa é o BPD infectado por umas minhocas ou matequenas na Maxixe, a ver vamos.

Meu paizinho Bimbe, mais dias e menos dias terá obviamente o seu cachet, lecciona com bravura símbolo dos teus 26 anos na educação. Um abraço de Elias Taimo.

## C11A

---

Quero paz nos nossos vencimentos

Sou professor em exercício na Escola Primária 6º Bairro Chilembene, faço 10 anos no desempenho das funções profissionais. Como tal sinto grande ofensa pela falta de valorização do suor do professor.

---

Eu considero todas estas desculpas com zero à direita da vírgula, na medida em que o referido 1989 está quase a findar. Talvez querem nos pagar no orçamento da próxima década. De exortar à DPEC que o Julho de 1988 está bem registado nas nossas cabeças, somos aflitosos dele.

Caros leitores, e Educação é o único Ministério com um pocote de problemas de estilo negativo que permite-me estimar de 75%.

Se me permite introduzir-me-ia com a expressão:

“Educação Mundo de Problemas”

Estou certo que o Partido e o Governo, conhecem os problemas deste sector; desde a fase miúda a adulta. É na Educação que reinam um volume de transferências propositadas, atraso de vencimentos, desvios de fundo, esquecimento de título e falta de responsabilidade.

Não sei se estas anomalias foram decretadas para este Ministério.

Em meu nome pessoal, gostaria que alguns aspectos sofressem uma revisão. Por último propunha que os dirigentes religiosos fossem intervir ao Ministério de Educação convista a busca da paz para os professores.

## C12A

.....

Todos concluem que o dinheiro dos professores que chegaram depois da Dona Ofélia ter ido a Maputo, está com ela.

O que me põe preocupado, é que vivemos com uma esperança.

Seria melhor a Direcção Provincial dizer perante os impacientes que "não há possibilidades de serem pagos os seus vencimentos de 86 devido isto. Nós, como eu, compreendemos.

O exemplo está nos vencimentos de 87.

Como viver na cidade da Beira estes meses sem vencimentos?

E como repatriados?

Somos muitos professores, eu que acompanhado de perto estou muito preocupado.

Se me despistei na linguagem peço que me perdoem, no meu todo sou assim.

## C13A

.....

Sou um professor bolsheiro no CFPP de Murrupula-Marrere-Nampula deste 1988.

O que me leva a escrever à Revista Tempo é precisamente para exprimir aos caros leitores a dolorosa dor de quem é autor e porquê?

Eu quero -me referir que sou mero, que este problema é muito complexo(ver C13N).

.....

... mas é certo que os nossos dirigentes são facultados transporte com o fundo da própria Direcção Provincial. Até certos chefes não se sentem responsáveis mesmo com a realização do V Congresso do Partido Frelimo, que focou muito a situação do professor na sociedade.

Eu quero dizer que esta atitude desafama o brio do professor.

Quem vai aliviar estes factores que obstaculam o meu rendimento escolar e o



meu processo de vida quotidiana.

Caros leitores, colegas da mesma luta senhores professores e demais individualidades humanas ajudem-se a resolver este problema.

#### C14A

.....  
 Escrevo à Revista Rempo para manifestar o meu sentimento pelo procedimento do Secretariado Provincial do ONP de Nampula.

.....  
 Lamento-me bastante porque o Secretariado da ONP de Nampula conhece de antemão a dolorosa situação dos Professores do Gilé residentes nesta cidade sem vencimentos e com o Pre em curso no País.

Achei lícito escrever à Revista Tempo como única forma de comunicar-me com outros colegas do País inteiro especialmente os que fazem parte da ONP e que contribuem para o seu desenvolvimento progressivo.

Faço votos que todos continuem a dar o vosso contributo quer em material quer em moral. Estejam certos que "A ONP ORGANIZADA SEMPRE VENCERÁ".

A nossa unidade vencerá os ambiciosos.

Da minha parte tendo a agradecer este gesto do Secretariado Nacional da ONP embora não tenha beneficiado da oferta.

#### C15A

.....  
 Sentimo-nos obrigado redigir aos queridos leitores sobre um assunto que queremos consultar e que nos espanta.

Somos Professores de Xai-Xai ZIP de Chicumbane.....

Mas que tipo de descontos são feitos para o professor Primário e o professor secundário não?!

Trabalhar dinheiro doi da mesma maneira.

Mas afinal quem deve pagar quotas de membros? Para quê os descontos dos nossos vencimentos? Passaremos para o Professor do EP2 (secundário) para não sermos descontados.

### C16A

---

Sou professor do ensino primário que pela 1ª vez escrevo para a revista Tempo por isso peço uma alta compreensão do sentido da língua portuguesa daquilo que quero dizer.

Caros leitores:

Eu tenho uma dúvida de ferro por isso procuro vosso apoio de me esclarecer o seguinte: (ver C16N).

---

Agora pergunto.

Porque não tenho esse direito? (ganhar de acordo com a preparação científica)  
Com falta desse direito muitos dos meus colegas não querem ir estudar porque sabem que não são abrangidos com o benefício.

### C17A

---

Mais uma vez escrevo para este sector com a finalidade de publicar a carta abaixo escrita nas páginas reservadas as cartas dos leitores, isto para inteirar os leitores da situação dos professores no Distrito de Angoche, referente as transferências.

## Texto

Serei transferido? Quando?

.....

Será verdade que na cidade não há lugar? Para nós não há, mas para outros há. Se eu fosse uma pessoa inculta perguntaria o seguinte: Será que nós que permanecemos sempre no campo a nossa formação foi a este nível? mas não posso perguntar, porque bem sei que as injustiças que cometem não são do Ministério da educação mas sim alguns responsáveis da educação que comprometem os trabalhos justos.

Portanto penso que esta questão de transferências leva alguns colegas a abandonar o Ministério transformando-se em...

**C18A**

.....

Educação em Vilankulo não tem sorte com os administrativos (ver C18N)

.....

Caros leitores, na vossa maneira de ver será que estes nossos chefes têm nada a ver com o bom funcionamento do ensino?

Será que em todos os distritos têm esta forma de trabalhar?

Eu não sei qual será ou qual foi a percentagem do aproveitamento deste distrito em relação a outros?

Os nossos pagadores não só põem em causa o rendimento pedagógico, mas também a situação social do professor.

Com este jogo de atrasos exagerado dos vencimentos para depois vir ter um mês, nenhum professor consegue dar sentido à sua vida.

Em suma, na camada social em Vilankulo, o ser mais desprezível e miserável é o professor.

Além das nossas reclamações, o que pensa o departamento das finanças quando um chefe distrital só vai levantar títulos passados 2 ou mais meses?

Será mesmo impossível tomar uma solução justa para esta crise que não só

prejudica o professor mas também a sociedade inteira?

A admirável passividade e paciência do professor de Vilankulo terá fim.

A maior parte do professor se ainda passienta esta opreção é porque é difícil arranjar outro emprego ou teme ser perseguido.

Para terminar, pedia a estrutura competente para tomar uma resolução justa neste problema que aflige os professores de Vilankulo e põe em causa o ensino neste distrito.

### C19A

---

Escrevemos à tempo como meio de reivindicação das condições injustas que nos afligem nesta Província de Sofala, cidade da Beira, impostas pelas estruturas provinciais da Educação (DAF e Recursos Humanos).

A Educação como é sabido, é o fulcro principal para o desenvolvimento duma sociedade, isto porque sem ela não pode existir uma evolução científica doutras profissões. (ver C19N).

---

Face a isso, nós pensamos que os nossos responsáveis são injustos, insensíveis e sem caridade, pois, pagam uns e outros não. E se há lei como afirmam, deve-se cumprir integralmente em todo o País por todos os cidadãos. Imaginem só caros leitores que todas as condições que criámos a voarem num minuto, por termos atendido os seus conselhos de trabalharmos nos distritos (campo) onde está a esmagadora maioria. Agora perguntamos: Fizemos mal por termos aceite a trabalhar no campo? Ou gostariam se ouvissem que perecemos lá? Aos que sacrificaram-se terão direito os seus familiares de alguns vencimentos se nós os sobreviventes nos é difícil? Se dizem que violámos a fronteira, se fosse um deles naqueles anos (1985 e 1986) nos distritos acima indicados onde refugiria?

Assim, apelamos as Estruturas Centrais do MINED para averiguar o assunto a resolver o problema que afecta mais de 60 Professores de Sofala.

## ERRATA

ONDE SE LÊ:	DEVE LER-SE:
<p>P 18 Linha 19 ...Oscar Lopes...</p>	<p>...Óscar Lopes...</p>
<p>P 22 Linha 1 ...contigente...</p>	<p>... contingente...</p>
<p>P 23 Linha 22 ...contigente...</p>	<p>...contingente...</p>
<p>P 25 Linha 9 ...por exelência...</p>	<p>...por excelência...</p>
<p>Linha 16 ... or writer's attitude to what is said or written (p. 182).</p>	<p>.... or writer's attitude to what is said or written " (p. 182).</p>
<p>Linha 21 ...o estado de coisas ( p. 148).</p>	<p>... o estado de coisas" (p. 148).</p>
<p>(1)</p>	<p>Esta nota de rodapé devia estar na p. 26</p>
<p>P 26 Linha 3 ...probalidade.</p>	<p>...probabilidade.</p>
<p>Linha 12 ...contigência...</p>	<p>... contingência...</p>
<p>(1)</p>	<p>Esta nota de rodapé devia estar na p.25</p>
<p>P27 Linha 14 ...torna impossível (...) para exprimir...</p>	<p>... torna impossível (...) exprimir...</p>
<p>Linha 16 ... Como enunciado directivo inclusivo.</p>	<p>...como enunciado directivo.</p>
<p>P 28 Linha 1 ...passagem...</p>	<p>...passagem...</p>
<p>P 29 Linha 12 Mas antes do problema espectuada própria frase...</p>	<p>Mas antes do problema aspectual da própria frase...</p>
<p>Linha 14 Entretanto Reconhece...</p>	<p>Entretanto reconhece...</p>

## ERRATA

ONDE SE LÊ:	DEVE LER-SE:
<p>P 30 Linha 11 ...(voar-escvoaçar)...</p>	<p>... (voar-esvoaçar)...</p>
<p>Linha 12 Por outro lado afirmam...</p>	<p>Por outro lado, Ducrot e Todorov (1982) afirmam...</p>
<p>Linha 30 ... em muitos contextos se tratá-las-emos apresentam tais oposições como sinónimas.</p>	<p>... em muitos contextos apresentam-se tais oposições como sinónimas.</p>
<p>P 31 Linha 2 ... par binário opositivo espectral acabado/inacabado.</p>	<p>... par binário opositivo aspectual acabado/inacabado.</p>
<p>P 32 :Linha 14 ... interpretação destas repartição...</p>	<p>...interpretação desta repartição...</p>
<p>Linha 5 ...un certain principe d'ordre.</p>	<p>...un certain principe d'ordre.</p>
<p>Linha 14 ...o tempo, mas, antes de ...</p>	<p>...o tempo, mas antes, de...</p>
<p>P 33 Linha 18 ... (Ver p. 13)</p>	<p>... (Ver p. 18)</p>
<p>Linha 20 ... (Ver p. 24 e 25)</p>	<p>...( Ver p. 31)</p>
<p>P 34 Linha 3 ...( Ver p. 25)</p>	<p>... (ver p. 31)</p>
<p>Linha 9 ... ou au contraire " Ceci est un récit" "</p>	<p>... ou "au contraire: Ceci est un récit".</p>
<p>(1) O trabalho de Rod Ellis ( 1987 ), embora tenha como escopo o estudo da variabilidade interlingue de aprendentes do Inglês como L2, na utilização com dos tempos verbais do passado indica-nos que a</p>	<p>(1) O trabalho de Rod Ellis (1987), embora tenha como escopo o estudo da variabilidade interlingue de aprendentes do Inglês como L2, na utilização dos tempos verbais do passado, indica-nos que a ocorrência de formas verbais do passado é um princípio do discurso narrativo. Até porque na elicitação de dados aos aprendentes é apresentado a expressão "One day" que condiciona o aprendente a usar os verbos no passado.</p>

## ERRATA

ONDE SE LÊ:	DEVE LER-SE:
<p>P 35 Linha 16 ... pode funcionar textualmente indicador de dramaticidade...</p>	<p>... pode funcionar textualmente como indicador de dramaticidade...</p>
<p>P 37 Linha 1 ...expressão de ausência...</p>	<p>...expressão da ausência...</p>
<p>P 38 Linha 1  Ma análise... <hr/>(1)... participais...  Linha 4 ... (Ver p. 26)</p>	<p>Na análise... <hr/>(1) ...participais...  ... (Ver p. 33 e 34)</p>
<p>P 39 Linha 3  ... Constituem...  Linha 4 ... metáforas temporais Weinrich 1973)  Linha 5 ... o sucessão dos tempos...</p>	<p>... Constituem...  ... metáforas temporais (Weinrich, 1973)  ... a sucessão dos tempos...</p>
<p>P 43 Linha 5 ...da atitude do falante como relaxamento.</p>	<p>...da atitude do falante como de relaxamento</p>
<p>P 44 Linha 3 ... o próprio tempo tende a mobilizar-se numa unidade espacial.  Linha 5 ...repetativos...</p>	<p>... o próprio tempo tende a imobilizar-se numa unidade espacial.  ...repetitivos...</p>
<p>Linha 8 ...(Wernich, 1973):</p>	<p>...(Weinrich,1973):</p>
<p>Linha 14 ...(uma tentativa, tinha, era, etc.)  Linha 20 ...comportamento habitual...</p>	<p>...(tentava, tinha, era, etc.)  ...comportamento habitual...</p>

## ERRATA

ONDE SE LÊ:	DEVE LER-SE:
<p>P 45 Linha 5 ...isto é, ...</p>	<p>... ao qual seguir-se-á ...</p>
<p>P 46 Linha 7 ...ela consideram punição...</p>	<p>...eles consideram punição...</p>
<p>Linha 22 ... temos este grito...</p>	<p>...demos este grito...</p>
<p>P 47 Linha 4 ...expressões mudais...</p>	<p>...expressões modais...</p>
<p>P 48 Linha 5 ...atitude...</p>	<p>...atitude...</p>
<p>Linha 10 ...tempo zero.</p>	<p>... tempo zero.</p>
<p>P 50 Linha 14 ...fou...</p>	<p>...for...</p>
<p>P 52 Linha 5 ...Weinrich...</p>	<p>...Weinrich...</p>
<p>Linha 10 ...tempos...</p>	<p>...tempos...</p>
<p>Linha 19 ... no conjunto que funcionam como metáforas...</p>	<p>...no conjuntivo funcionam como metáforas...</p>
<p>P 53 Linhas 3 e 4 C 18 A 76 ...</p>	<p>76. C 18 A...</p>
<p>Linha 13 Modalidade de Parret Linha 18 ...conseguir das aulas...</p>	<p>Modalidades de Parret ...conseguir dar aulas...</p>
<p>P 54 Linha 15 2 duvidoso</p>	<p>duvidoso</p>



ONDE SE LÊ:	DEVE LER-SE:
<p>P 54 Linha 18 Eu perguntel...</p>	<p>Eu perguntaria...</p>
<p>P 55 Linha 2 ... fou...</p>	<p>...for...</p>
<p>P 56 Linha 11 ...alncerteza...  Linha 17 ... refuguriria...</p>	<p>... a incerteza...  ...refugiria...</p>
<p>P 57 Linha 4 Imagem...  Linha 5 ... sengores professores e demais indivi- dualidade...</p>	<p>Imaginem...  ...senhores professores e demais indi- vidualidades...</p>
<p>Linha 8 ...(o porvir alnda que a nível do menos real) ...</p>	<p>...(o porvir)...</p>
<p>Linha 9 ...nemeadamente...</p>	<p>...nomeadamente...</p>
<p>Linha 10 ... car´ter...</p>	<p>...carácter...</p>
<p>Linha 13 ...forma Imperatv+ivas...</p>	<p>...formas imperativas...</p>
<p>P 58 Linha 4 ...não teríamos...</p>	<p>...não temeríamos...</p>
<p>P 60 Linha 14 ...dois momentos textuais consideramos...</p>	<p>...dois momentos textuais considerados...</p>
<p>P 62 Linha 9 Os efeltos de correlação de Pearson...</p>	<p>Os coeficientes de correlação de Pearson...</p>
<p>P 64 Linha 1 ...argunmentativos...</p>	<p>...argumentativos...</p>



## ERRATA

ONDE SE LÊ:	DEVE LER-SE:
<p>P 64 Linha 2 ...dois critério...</p> <p>Linha 7 Selecionando o "corpus", procedemos à escrita...</p> <p>Linha 17 ...que incluía...</p> <p>Linha 23 ...dos dois momentos textuais (narrativo e termos estatísticos é de aceitar a hipótese de trabalho...</p>	<p>...dois critérios....</p> <p>Selecionado o "corpus", procedemos à reescrita...</p> <p>...que inclui...</p> <p>... dos dois momentos textuais (narrativo e do comentário) superiores ao valor crítico, em termos estatísticos, é de aceitar a hipótese de trabalho...</p>
<p>P 65 Linha 5 ...atitude realxada...</p> <p>Linha 6 ...estabelece-se nesta topologia...</p> <p>Linha 11 ...justamente para...</p>	<p>... atitude relaxada...</p> <p>...estabelece-se nesta tipologia...</p> <p>...justamente por...</p>
<p>P 66 Linha 15 ...gramatIALIZAÇÃO...</p>	<p>.....gramaticalização...</p>
<p>P 67 Linha 18 ...Rodrigues...</p>	<p>...Rodrigues...</p>
<p>P 69 Linha 8 ...Spaninsh...</p>	<p>...Spanish...</p>
<p>Linha 15 Editoons</p>	<p>Editions</p>

# ERRATA

ONDE SE LÊ:	DEVE LER-SE:
<p style="text-align: center;">P 2 Linha 12</p> <p>... seminário...</p> <p style="text-align: center;">Linha 22</p> <p>... uma destas línguas voux, uma bantu.</p> <p style="text-align: center;">P3 Linha 4</p> <p>... usamos...</p> <p style="text-align: center;">P 4 Linha 4</p> <p>... queria agracer...</p> <p style="text-align: center;">Linha 10</p> <p>... Irmão...</p> <p style="text-align: center;">P 8 Linha 2</p> <p>...lingulstica...</p> <p style="text-align: center;">Linha 7</p> <p>... "O carro corre)</p> <p style="text-align: center;">Linha 10</p> <p>... mandeira...</p> <p style="text-align: center;">P 9 Linha 13</p> <p>Um estudo sobre o português do Brasil (Ingedore, Koch, 1982) confirmou-se...</p> <p style="text-align: center;">Linha 14</p> <p>... lingulstico...</p> <p style="text-align: center;">Linha 16</p> <p>... constalações...</p> <p style="text-align: center;">P10 Linha 7</p> <p>...seminário...</p> <p style="text-align: center;">P 12 Linha 21</p> <p>... fazer-se-á...</p> <p style="text-align: center;">Linha 28</p> <p>Estás duas variáveis...</p> <p style="text-align: center;">P 14 Linha 6</p> <p>...probalidade...</p>	<p>... semanário...</p> <p>... uma destas línguas ou uma variante do português em contacto com elas.</p> <p>...usámos...</p> <p>... queria agradecer...</p> <p>... Irmãos...</p> <p>... linguística...</p> <p>... " O carro corre")</p> <p>... maneira...</p> <p>Num estudo sobre o português do Brasil (Ingedore, Koch, 1982) confirmou-se...</p> <p>...linguístico...</p> <p>... constelações...</p> <p>...semanário...</p> <p>... far-se-á...</p> <p>Estas duas variáveis...</p> <p>...probabilidade...</p>

**F. LETRAS U.E.M.**

R. E. \_\_\_\_\_

DATA \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

AQUISIÇÃO \_\_\_\_\_

COTA \_\_\_\_\_

C20A

.....

Se não me aproximam não passam de classe

Sou professor formado recentemente no CFPP Murrupula, que por questões políticas que o nosso País enfrenta neste momento, agora encontra-se situado nas instalações da Escola Secundária do Marrere, próximo das cidade capital provincial de Nampula. (ver C20N).

.....

Agora, onde encontrar alguma coisa para se sustentar e para cunhar? Mesmo se estivéssemos perto dela (família), os nossos pais são camponeses e impossibilitados. Onde encontrariam artigos para os filhos, eles próprios e para cunhar? (ver C20N).

.....

Como é que se informava a cerca dos sucessos e fracassos das aulas?

Será que todas as partes onde há centros de formação de professores, no momento de estágio é assim?

E para passar-se de classe é necessário "aproximação" com o instrutor acompanhante, ou depende do trabalho do indivíduo?

Visto que todos elementos que compunham aquela sub-brigada ninguém reunia condições para tal "aproximação" é quando atribui notas magrinhas para nos sentirmos obrigados. Mas ninguém lhe foi possível.

Agora, com estas atitudes podemos desenvolver? Será possível erradicar o analfabetismo?